UNIVERSIDADE CATÓLICA DE BRASÍLIA – UCB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTU SENSU EM EDUCAÇÃO FÍSICA

O USO DAS DANÇAS FOLCLÓRICAS NO CONTEXTO PEDAGÓGICO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

José Roberto Lopes de Sales

BRASÍLIA DF
2003

JOSÉ ROBERTO LOPES DE SALES

O USO DAS DANÇAS FOLCLÓRICAS NO CONTEXTO PEDAGÓGICO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Trabalho apresentado ao programa de pós-graduação stricto-sensu da Universidade Católica de Brasília como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação Física.

Orientadora: Prof. Dra. Nanci Maria de França

BRASÍLIA – DF
2003

TERMO DE APROVAÇÃO

Dissertação defendida e aprovada em ____ de _____ de 2003, pela banca examinadora constituída pelos professores:

Prof. Dra. Nanci Maria de França

Prof. Dr. Luiz Otávio Teles Assumpção

Prof. Dr. Jefferson da Silva Novaes

Dedicatória

Aos meus pais, Jarbas e Inez, companheiros de sempre
À Patrícia, minha esposa, amiga e companheira
Às minhas filhas Thayane e Gabriela.
Aos meus irmãos Maria, Reinaldo e Regiane
Aos meus sobrinhos Gustavo, Vanessa e Artur
E ao meu sogro e sogra, Vavá e Lourdinha e familiares.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho deve muito a algumas pessoas que por diferentes razões eu gostaria de agradecer especialmente:

A Deus por me permitir a realização deste;

Aos meus pais, que sempre acreditaram em mim, estando sempre do meu lado dando apoio e amor;

À minha esposa Patrícia, pelo amor e companheirismo de sempre;

À minha orientadora e amiga, Professora Nanci Maria de França, por ouvir com interesse e ânimo a todas as questões, dúvidas e problemas que surgiram durante o processo de construção deste. Por ser paciente, pela coragem de ousar trabalhar com novas idéias, pela amizade e pela alegria de trabalharmos juntos;

Às minhas professoras da Graduação Silvinha e Teinha, pelo carinho, pela atenção, pelo incentivo e pela amizade;

Aos meus colegas e amigos do Departamento de Educação Física da UNIMONTES;

A Jaime e Fatinha pela amizade, apoio e incentivos constantes.

Aos meus alunos;

Ao Professor Jefferson Novaes pelas orientações e pela amizade;

Aos professores das escolas estaduais, municipais e estaduais que participaram do estudo;

À Karyne pela paciência, disponibilidade e colaboração constantes;

À professora e amiga Ireni Caldeira pelas correções, sugestões e principalmente pela amizade;

À Walquíria pela amizade e colaboração na aquisição de material;

À todos agradeço profundamente, e dedico o resultado deste.

“Nada melhor que as tradições para retemperar a saúde de nossa alma brasileira”.

Mário de Andrade

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS viii
LISTA DE FIGURAS xi
RESUMO xii

1 INTRODUÇÃO 01
1.1 Objetivo Geral 07
1.2 Objetivos Específicos 07
1.3 Hipótese 07

2 REVISÃO DE LITERATURA 08
2.1 Cultura 08
2.2 Folclore 10
2.3 Danças Folclóricas 14

3. MONTES CLAROS: Aspectos Gerais 16
3.1 Localização 16
3.2 História 16
3.3 Contextualização Cultural 18
3.4 As Danças Folclóricas em Montes Claros 21
3.5 O Folclore no Contexto Pedagógico da Educação Física Escolar 41

4 METODOLOGIA 47
4.1 Caracterização da Pesquisa 47
4.2 População 47
4.3 Amostra 48
4.4 Procedimentos Metodológicos 48
4.5 Análise Estatística 49

5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS 50

6 CONCLUSÃO..... 74

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 76

ANEXOS 80

ABSTRACT 83

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Distribuição de freqüência de respostas quanto ao conhecimento da ***Dança Calango*** pelos professores de Educação Física nas 03 categorias de instituição do Ensino Fundamental da cidade de Montes Claros MG..... 50

Tabela 02– Distribuição de freqüência de respostas quanto ao conhecimento da ***Dança Quadrilha*** pelos professores de Educação Física nas 03 categorias de instituição do Ensino Fundamental da cidade de Montes Claros MG 51

Tabela 03 – Distribuição de freqüência de respostas quanto ao conhecimento da ***Dança dos Catopês*** pelos professores de Educação Física nas 03 categorias de instituição do Ensino Fundamental da cidade de Montes Claros MG 52

Tabela 04 – Distribuição de freqüência de respostas quanto ao conhecimento da ***Dança dos Marujos*** pelos professores de Educação Física nas 03 categorias de instituição do Ensino Fundamental da cidade de Montes Claros MG 53

Tabela 05 – Distribuição de freqüência de respostas quanto ao conhecimento da ***Dança dos Caboclinhos*** pelos professores de Educação Física nas 03 categorias de instituição do Ensino Fundamental da cidade de Montes Claros MG 53

Tabela 06 – Distribuição de freqüência de respostas quanto ao conhecimento da ***Dança das Pastorinhas*** pelos professores de Educação Física nas 03 categorias de instituição do Ensino Fundamental da cidade de Montes Claros MG 54

Tabela 07 – Distribuição de freqüência de respostas quanto ao conhecimento da ***Dança das Folias de Reis*** pelos professores de Educação Física nas 03 categorias de instituição do Ensino Fundamental da cidade de Montes Claros MG 55

Tabela 08 – Distribuição de freqüência de respostas quanto ao conhecimento da ***Dança de São Gonçalo*** pelos professores de Educação Física nas 03 categorias de instituição do Ensino Fundamental da cidade de Montes Claros MG 56

Tabela 09 – Distribuição de freqüência de respostas quanto ao conhecimento da ***Dança Catira*** pelos professores de Educação Física nas 03 categorias de instituição do Ensino Fundamental da cidade de Montes Claros MG 57

Tabela 10 – Distribuição de freqüência de respostas quanto ao conhecimento da ***Dança Maculelê*** pelos professores de Educação Física nas 03 categorias de instituição do Ensino Fundamental da cidade de Montes Claros MG 58

Tabela 11 – Distribuição de freqüência de respostas quanto ao conhecimento da ***Dança das Cirandas*** pelos professores de Educação Física nas 03 categorias de instituição do Ensino Fundamental da cidade de Montes Claros MG 58

Tabela 12 – Distribuição de freqüência de respostas quanto ao conhecimento da ***Dança do Pau-de-Fitas*** pelos professores de Educação Física nas 03 categorias de instituição do Ensino Fundamental da cidade de Montes Claros MG 59

Tabela 13 – Distribuição de freqüência de respostas quanto ao conhecimento de ***outras Danças Folclóricas*** pelos professores de Educação Física nas 03 categorias de instituição do Ensino Fundamental da cidade de Montes Claros MG 60

Tabela 14 – Percentual do número de professores de Educação Física, nas 03 categorias de instituição do Ensino Fundamental da cidade de Montes Claros MG, que ***fazem uso das Danças Folclóricas*** 61

Tabela 15 – Percentual do número de professores de Educação Física, nas 03 categorias de instituição do Ensino Fundamental da cidade de Montes Claros MG, que fazem uso da ***Dança Calango*** 62

Tabela 16 – Percentual do número de professores de Educação Física, nas 03 categorias de instituição do Ensino Fundamental da cidade de Montes Claros MG, que fazem uso da ***Dança Quadrilha*** 63

Tabela 17 – Percentual do número de professores de Educação Física, nas 03 categorias de instituição do Ensino Fundamental da cidade de Montes Claros MG, que fazem uso da **Dança dos Catopês** 64

Tabela 18 – Percentual do número de professores de Educação Física, nas 03 categorias de instituição do Ensino Fundamental da cidade de Montes Claros MG, que fazem uso da ***Dança dos Marujos***..... 65

Tabela 19 – Percentual do número de professores de Educação Física, nas 03 categorias de instituição do Ensino Fundamental da cidade de Montes Claros MG, que fazem uso da ***Dança dos Caboclinhos*** 65

Tabela 20 – Percentual do número de professores de Educação Física, nas 03 categorias de instituição do Ensino Fundamental da cidade de Montes Claros MG, que fazem uso da ***Dança das Pastorinhas*** 66

Tabela 21 – Percentual do número de professores de Educação Física, nas 03 categorias de instituição do Ensino Fundamental da cidade de Montes Claros MG, que fazem uso da ***Dança das Folias de Reis*** 67

Tabela 22 – Percentual do número de professores de Educação Física, nas 03 categorias de instituição do Ensino Fundamental da cidade de Montes Claros MG, que fazem uso da ***Dança de São Gonçalo*** 67

Tabela 23 – Percentual do número de professores de Educação Física, nas 03 categorias de instituição do Ensino Fundamental da cidade de Montes Claros MG, que fazem uso da ***Dança Catira*** 68

Tabela 24 – Percentual do número de professores de Educação Física, nas 03 categorias de instituição do Ensino Fundamental da cidade de Montes Claros MG, que fazem uso da ***Dança Maculelê*** 68

Tabela 25 – Percentual do número de professores de Educação Física, nas 03 categorias de instituição do Ensino Fundamental da cidade de Montes Claros MG, que fazem uso da ***Dança Ciranda ...*** 69

Tabela 26 – Percentual do número de professores de Educação Física, nas 03 categorias de instituição do Ensino Fundamental da cidade de Montes Claros MG, que fazem uso da ***Dança do Pau-de-fitas*** 70

Tabela 27 – Percentual do número de professores de Educação Física, nas 03 categorias de instituição do Ensino Fundamental da cidade de Montes Claros MG, que ***fazem uso de outras Danças Folclóricas***..... 71

Tabela 28 – Respostas, em percentagem, quanto ao ***uso das Danças Folclóricas orientadas por outros profissionais*** nas 03 categorias de instituição do Ensino Fundamental da cidade de Montes Claros MG 72

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Vista parcial da cidade de Montes Claros MG 16

Figura 02 – Dança Calango 22

Figura 03 – Dança Quadrilha 23

Figura 04 – Dança dos Catopés 25

Figura 05 – Dança dos Marujos 27

Figura 06 – Dança dos Caboclinhos 29

Figura 07 – Dança do Pau-de-Fitas 30

Figura 08 – Dança das Pastorinhas 32

Figura 09 – Dança das Folias de Reis 33

Figura 10 – Dança de São Gonçalo 34

Figura 11 – Dança Catira 35

Figura 12 – Dança Maculelê 36

Figura 13 - Dança Ciranda 40

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo verificar, identificar e analisar o uso das danças folclóricas no contexto pedagógico da Educação Física Escolar. Foram selecionadas as escolas municipais, estaduais e particulares do ensino fundamental na zona urbana da cidade de Montes Claros. O corpus obtido contou com a participação de 74 profissionais correspondendo a 50% do total de docentes atuantes na área, que responderam a um questionário previamente elaborado. Na análise dos dados, usou-se o teste Qui-quadrado para determinar possíveis diferenças nas respostas em razão da instituição escolar a que pertenciam. Os resultados demonstraram que a maioria dos professores, além de ter pouco conhecimento das danças folclóricas, não faz uso das mesmas como práticas pedagógicas, na busca de uma educação voltada para a formação geral do educando.

1 INTRODUÇÃO

A história da arte é a história do homem. Desde os primórdios tempos a dança, arte do movimento, testemunha nossos maiores feitos. Acompanhou o nascimento e a evolução da vida humana simbolizando, significando e aproximando o homem de si próprio e do seu meio. Pelos movimentos corporais o homem solicitava à natureza e aos seus deuses suas necessidades essenciais: se precisasse de chuva, dançava; queria-se a terra e as mulheres mais férteis ou comemorar uma boa colheita, ou ainda se necessitasse afugentar a dor ou qualquer enfermidade, também dançava. As danças eram ritos, cerimônias e celebrações. Entre o homem e a natureza havia uma relação de intensa expressividade e uma certa cumplicidade, como se conhecesse o poder e as necessidades um do outro.

Na concepção de CAMINADA (1999, p.8), *"o homem dança impulsionado por qualquer tema e em qualquer ocasião: porém, a essência de que é objeto essa dança, é ao menos para o homem primitivo sempre a mesma: vida, abundância e saúde".* Neste mesmo contexto, DINIZ (1998, p.58) ao descrever a dança na pré-história, nos relata que antes da linguagem escrita ou falada, a comunicação entre os seres humanos era realizada pelos movimentos corporais, seja imitando animais, celebrando fatos importantes, sinalizando desejos ou contando histórias.

O corpo é um instrumento com linguagem própria que se expressa e se coloca no mundo; por meio dele é que existimos e nos comunicamos. E a dança é parte dessa comunicação, manifestação do ser sensível e concreto, criativo e belo. DINIZ (1998) ao exteriorizar essa manifestação humana tão intensa revela que:

> *[...] assim, criando e dando formas a um fenômeno, a dança permite explorar com idéias originais, a própria corporeidade. São essas idéias traduzidas por uma linguagem corporal, que nos permitem expressar e comunicar mensagens por vocabulário próprio, sensibilizando para o belo, o estético, o cultural e o social. (p.43)*

E a mesma autora ainda acrescenta:

> *[...] como corpo dançante, desenhamos formas, contamos histórias, penetramos no espaço e no tempo, interagindo nele e com ele. E é nesse instante que a dança, como experiência lúdica, dilata os espaços de abertura às trocas com as pessoas, com a cultura, com o contexto e com os fatos da vida. (p.47)*

O homem se apoderou da dança como uma forma íntima de expressão. E mesmo que o tempo tenha se passado, os ritos e os significados tenham se modificado, e vivamos numa era de intensos conflitos externos e internos, a dança não se perdeu, não se separou de nós. Continuamos a dançar, e nesse encontro não-verbal, movemos algo dentro de nós, dizemos muito do que somos e do que sentimos.

Neste sentido, a dança foi se desenvolvendo de diferentes formas, apropriada por diversas culturas com muitas significações, perpetuando-se enquanto prática corporal, historicamente construída pela humanidade como forma de manifestação expressiva em diferentes espaços sociais como: festas, comemorações, apresentações artísticas, de entretenimento e manifestações folclóricas.

De acordo com BRASIL (1997) os recursos biológicos frágeis dos seres humanos fizeram com que estes buscassem meios de tornar seus movimentos mais eficientes para suprir suas necessidades, sejam elas militares, econômicas, religiosas ou lúdicas. Com o passar do tempo, o movimento humano foi se transformando, aperfeiçoando e constituindo, assim, o que chamamos de cultura corporal

A dança, como parte da cultura corporal de um povo, busca uma dimensão muito maior, porque parte do princípio que o corpo está sempre expressando um discurso hegemônico de um determinado momento histórico e que a compreensão do significado desse discurso, bem como de seus determinantes, é condição essencial para que possamos participar do processo de construção do nosso tempo (CASTELLANI FILHO, 1988).

As manifestações da cultura corporal se dão de várias maneiras, algumas delas foram incorporadas pela Educação Física Escolar, tais como os jogos, esportes, ginásticas, lutas e danças.

Sobre este aspecto, DIDONET (1983) faz uma inter-relação entre educação e cultura. Para o autor a verdadeira educação está inserida no fazer cultural, e o fazer cultural implica a inserção da cultura do povo (hábitos, crenças, valores, tradições, expectativas, enfim, as formas de ser e viver), no seu ato contínuo de criação original ou coletiva das formas de enfrentar o presente e projetar o futuro.

No dizer de BORSARI (1987) a Educação Física Escolar deve ser vista como meio e fonte de ricas experiências individuais e grupais, com inúmeras atividades que possibilitam o desenvolvimento das qualidades necessárias ao bem-estar do ser humano.

O Brasil é um país de grande e variada riqueza cultural. De norte a sul, encontramos populações das mais diversas etnias. A mistura de diferentes povos faz da nossa cultura uma das mais ricas e diversificadas do mundo. Em todo o território nacional, são várias as manifestações da cultura popular ou folclórica, variando de região para região.

É com base nessa riqueza de manifestações, que BRASIL (1997) situa a Educação Física Escolar como uma cultura corporal e

através dela é possível que se vivenciem diferentes práticas corporais advindas das mais diversas manifestações culturais. Cita, ainda, como objetivos da disciplina conhecer, valorizar, respeitar e desfrutar da pluralidade de manifestações da cultura corporal do Brasil e do mundo, percebendo-as como recurso valioso para a integração entre pessoas e diferentes grupos sociais.

Os conteúdos da Educação Física Escolar nos Parâmetros Curriculares Nacionais são organizados em três blocos e são desenvolvidos no decorrer do ensino fundamental: 1) conhecimento sobre o corpo; 2) esportes, jogos, lutas e ginásticas; 3) atividades rítmicas e expressivas.

O conhecimento sobre o corpo trata dos conhecimentos e conquistas individuais. O corpo é compreendido como um organismo integrado e não como um amontoado de partes e aparelhos. É um corpo vivo que interage com o meio físico e cultural, que sente dor, prazer, alegria, medo etc (BRASIL, 1997).

No que diz respeito aos jogos, esportes, lutas e ginásticas, incluem-se, neste bloco, as informações históricas de suas origens e características, bem como a valorização e a prática dessas atividades.

Já às atividades rítmicas e expressivas são as manifestações que têm intenção de expressar e comunicar através de afetos e estímulos sonoros. Trata-se, então, das danças e brinquedos cantados. Neste bloco, as danças de origem nacional devem ser priorizadas. Os conteúdos são amplos e diversificados, podendo variar de acordo com o local onde a escola está inserida (BRASIL, 1997).

Cada estado, região ou cidade do Brasil tem suas festas e danças: *moçambique, maculelê, maracatu, reisado, folia, chegança, bumba-meu-boi, forró, baião, xote, xaxado, samba, cateretê, balaio,*

pezinho, congada, pastorinhas, quadrilha etc. Inúmeras formas de dança se desenvolveram e continuam a ser criadas por todo o país.

Segundo o INSTITUTO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA – IBECC (1995), falar sobre o aproveitamento da cultura popular no meio educacional não é um assunto recente. Desde 1951, quando foi realizado na cidade do Rio de Janeiro, no período de 22 a 31 agosto do mesmo ano, o 1º Congresso Brasileiro de Folclore, no qual foram feitas algumas recomendações como: a) desenvolver uma ação conjunta entre os Ministérios da Cultura e da Educação a fim de que o conteúdo do folclore e da cultura popular seja incluído nos níveis de 1º e 2º graus e com enfoque teórico e prático através do ensino regular; b) considerar a cultura trazida do meio familiar e comunitário pelo aluno no planejamento curricular, com vistas a aproximar o aprendizado formal e não-formal, em razão da importância de seus valores na formação do indivíduo; c) envolver os educadores de diferentes matérias em torno do folclore, considerando-o como um amplo campo de ação para os estudos e a prática da multidisciplinaridade; d) realizar o levantamento mais completo possível do cancioneiro folclórico, danças folclóricas, dos brinquedos e brincadeiras infantis, considerando-se fatores de educação, de desenvolvimento do gosto pela música e dança e de sociabilidade, valorizando-se o material tradicional com vistas ao seu processo educativo.

No que diz respeito à área da Educação Física, especificamente, foi recomendado a inclusão do ensino do Folclore nos cursos de graduação.

Além das sugestões citadas acima, destaca-se a importância do folclore como parte integrante do legado cultural e da cultura viva, é um

meio de aproximação entre os povos e grupos sociais e de afirmação de identidade cultural.

Nesse sentido, PINTO & SILVEIRA (2001) esclarecem que a Educação Física na escola se justifica uma vez que não há uma outra prática pedagógica que se ocupe da dimensão cultural que só a mesma trabalha, que é a cultura de movimento humano, expressada nas danças, nos jogos, nas lutas, nos esportes e nas ginásticas. Ainda acrescentam, se o objetivo da escola está voltado para a educação global do aluno, deixar de lado este aspecto da nossa cultura que está presente em nosso dia-a-dia é algo impensável. Cabe aos professores contribuírem para que o aluno possa conhecer, escolher, vivenciar, transformar, planejar e ser capaz de julgar os valores associados à prática da atividade física.

Portanto, com base nas propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs); na obrigatoriedade da Educação Física Escolar, conforme a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), n° 9.394/96, de 20/12/1996, a qual determina uma Educação Física Escolar voltada para uma formação integral do aluno, e principalmente, a riqueza da cultura popular, em especial da cidade de Montes Claros, que mantém viva uma variedade de manifestações folclóricas, dentre elas as danças, que este estudo propõe em verificar o uso dessas no contexto pedagógico da Educação Física Escolar.

1.1 Objetivo Geral

Verificar o uso das danças folclóricas no contexto pedagógico da Educação Física Escolar, na cidade de Montes Claros.

1.2 Objetivos Específicos

- Verificar o nível de conhecimento dos professores a respeito das danças folclóricas manifestadas dentro da Educação Física Escolar;
- Verificar quais tipos de danças folclóricas são utilizadas como meio pedagógico, na rede pública e particular de ensino de Montes Claros;
- Comparar os níveis de conhecimento e a utilização a respeito das danças folclóricas entre professores de Educação Física na rede estadual, municipal e particular de ensino de Montes Claros.

1.3 Hipóteses

- As danças folclóricas não são utilizadas no contexto da Educação Física Escolar como meio pedagógico;
- As danças folclóricas não são conhecidas pelos professores de Educação Física da rede estadual, municipal e particular de Montes Claros.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Cultura

Segundo LARAIA (2000, p.25) no final do século XVIII e no princípio do seguinte, o termo germânico *Kultur* era utilizado para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade, enquanto a palavra francesa *Civilization* referia-se principalmente às realizações materiais de um povo. EDWARD TYLOR, citado por LARAIA (2000, p.25), sintetizou ambos os termos no vocábulo inglês *Culture*, que [...] *"tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade".*

Com esta definição abrangeu-se em uma só palavra todas as possibilidades de realização humana.

Citado por ARANTES (1990), A. Buarque de Hollanda, em seu conhecido Dicionário Brasileiro da Língua Portuquesa, que a palavra "cultura", em seu uso corrente, significa " saber, estudo , elegância, esmero"; evocando os domínios da filosofia, das ciências e das belas-artes.

Sobre este aspecto, ARANTES (1990) acrescenta que:

> [*...] nas sociedades estratificadas, essas esferas da cultura são, na verdade, atividades especializadas que têm como objetivo a produção de um conhecimento e de um gosto que, partindo das universidades e das academias, são difundidos entre as diversas camadas sociais como os mais belos, os mais adequados, os mais corretos, os mais plausíveis, etc. (p.9)*

ROCHA (1996) faz algumas considerações importantes com relação a este assunto, afirmando que a cultura é construída, identificada e definida através dos indicadores sociais que são: as formas organizativas; as formas do fazer; os sistemas de decisão; a visão de mundo; o meio ambiente; a memória e as relações de produção. Acrescenta ainda que a cultura pode ser de nível local, regional e nacional.

De acordo com BRASIL (1998)

> *A cultura é o conjunto de códigos simbólicos reconhecidos pelo grupo: neles o indivíduo é formado desde o momento de sua concepção; nesses mesmos códigos, durante a sua infância, aprende os valores do grupo que mais tarde são introduzidos nas obrigações da vida adulta, da maneira com cada grupo as concebe. (p.27)*

SILVA (1987) cita que existem outras formas de se entender a cultura: as ligadas à idéia de conhecimento e saber, ser culto, ter cultura. Para ele, estas concepções refletem uma tendência conservadora, predominantemente estabelecida pela classe dominante, que define os padrões, a forma do que deve ser cultura, a partir dos seus próprios parâmetros e gostos, como se cultura só possuísse aqueles que têm acesso a museus, bibliotecas, universidades ou que usam expressões elitistas da língua, e acrescenta ainda que esta concepção de cultura-conhecimento-saber é típica das sociedades na qual o explorador apropria-se da cultura e os explorados são desprovidos desta. Portanto, estabelecem-se duas culturas distintas: - a da elite ou erudita, dominante e conseqüentemente, detentora do saber, - a popular, desprovida do saber e caracterizada pelo fazer, e conseqüentemente, supérflua, ingênua e pitoresca. Para SANTOS, citado por SILVA (1987):

> *O conhecimento dominante é quem decide e julga o que é cultura popular. Em regra geral, a cultura dominante, também chamada de 'elite' ou 'erudita', caracteriza-se como dona do saber, associada sobre tudo às relações de poder, através das instituições, agindo assim como controladora do conhecimento e manipuladora, pois detém o privilégio da leitura e da escrita. É por esta razão que é também chamada de 'elite letrada' e consequentemente culta, diferenciando-se assim da classe iletrada, analfabeta e ignorante. (p.27)*

Segundo ROCHA (1996, p.01) *"todo e qualquer ser humano tem cultura. Esta é uma das poucas verdades absolutas da antropologia. Apesar desta afirmação parecer óbvia, não é, pois há muita gente que pensa que alguns seres humanos não têm cultura".* O autor ainda ressalta que a cultura é a dimensão da sociedade, que inclui todo o conhecimento num sentido ampliado e todas as maneiras como esse conhecimento é expresso. Sendo pois, uma dimensão dinâmica, criadora dela mesma e fundamental das sociedades.

2.2 Folclore

Em 22 de agosto de 1846, o *The Atheneum,* de Londres publicou a carta de William John Thomas, propondo que tudo quanto, na Inglaterra, chamado de 'antigüidades populares', 'literatura popular', fosse designado como *Folk-Lore***,** o saber tradicional do povo. Não imaginava Willian John Thomas que ele acabara de batizar estudos que vinham sendo realizados desde fins de século XVIII.

A palavra *Folk-Lore* foi aceita universalmente, com as direções e adaptações mais variadas. A palavra *folk,* com sentido de povo e *lore*, com sentido de sabedoria, conhecimento, dizendo-se *lore* dos pescadores, o *lore* dos esquimós, o *lore* dos carajás. Em português a

palavra designa a própria cultura popular e a disciplina ou ciência que a estuda.

No Brasil, o folclore vem ganhando cada dia mais espaço por intermédio do trabalho de vários estudiosos, da divulgação pela mídia, e da incorporação do termo folclore (geralmente, associado ao termo cultura). Apesar disso, parece não existir ainda um consenso em torno do significado real do termo. Este fato se deve fundamentalmente ao subjetivismo com que o assunto vem sendo tratado principalmente pela sociedade brasileira, que ainda vê o tema com um misto de indiferença e desconfiança, apesar de reconhecer que o folclore traduz o pensamento, o sentimento e ação do povo (RIBEIRO, 1976).

ROCHA (1996) esclarece que:

> a palavra povo pode dar margem a toda espécie de interpretação. Em relação à ciência folclórica povo é um todo - conjunto de indivíduos integrantes de um dada cultura, situado em um ambiente geograficamente determinado – sem distinção ou determinação por classes, grupos sociais, políticos ou econômicos. (p.07)

Ao enfocar-se a realidade brasileira deve-se levar em consideração o que é fato folclórico. Segundo ALMEIDA (1965), constituem o fato folclórico as maneiras de pensar, sentir e agir de um povo, preservadas pela tradição popular, e que não sejam diretamente influenciadas pelos círculos eruditos e instituições que se dedicam, ou à renovação de patrimônio científico e artístico humano ou à fixação de uma orientação religiosa e filosófica. São também reconhecidas como idôneas as observações levadas a efeito sobre a realidade folclórica, sem o fundamento tradicional, bastando que sejam respeitadas as características de fato de aceitação coletiva, anônimo ou não, essencialmente popular.

Adotar o fato folclórico como algo da cultura popular, deve-se ter o cuidado para o mesmo não ser confundido de modo a perder suas características próprias. Segundo ROCHA (1996) as principais características são: tradicionalidade, funcionalidade e ter aceitação coletiva.

O INSTITUTO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA – IBECC (1995), através da Carta ao Folclore Brasileiro elaborada no I Congresso Brasileiro de Folclore, realizado no Rio de Janeiro, de 22 a 31 de agosto de 1951, propôs o seguinte conceito: *"Folclore é o conjunto das criações culturais de uma comunidade, baseado nas suas tradições expressas individual ou coletivamente, representativo de sua identidade social. Constituem-se fatores de identificação da manifestação folclórica - aceitação coletiva, tradicionalidade, dinamicidade, funcionalidade".*

ROCHA (1996) faz uma afirmação:

> *[...] o folclore não é símbolo de pobreza, nem propriedade particular de uma camada fixa ou predeterminada da população, ainda que seja entre a parcela da população com menores oportunidades de acesso ao conhecimento erudito e às informações veiculadas e/ou adquiridas através das instituições escolares, religiosos e políticas que o encontramos. Este segmento é que cultiva, mais intensamente, a maioria dos fatos e dos bens folclóricos, não porque querem, mas de maneira natural e com a mesma razão pelas quais os pássaros cantam. ROCHA (p.7)*

Nesta mesma linha de pensamento, ALMEIDA (1965) aborda que o Folclore estuda manifestações de ordem espiritual e as de vida material que lhe são correlatas, dos primitivos e das classes populares das sociedades civilizadas, como: as crendices, os contos, as lendas, as estórias, os contos, as danças, as crenças e as técnicas que estão fora do campo do aprendizado oficial.

FERNANDES (1961;p.419) refere ao folclore compreendendo *“todos os elementos culturais que constituem soluções usual e costumeiramente admitidas e esperadas dos membros de uma sociedade, transmitidas de geração a geração por meios informais”.*

Na opinião de ROCHA (1996), o individual e o coletivo, o anonimato e o popular estão sempre presentes num fato folclórico. E as ações humanas são sempre respostas às suas necessidades. Uma ação qualquer, ao fazer sentido e dar respostas para um número cada vez maior de pessoas vai, gradativamente, passando do uso ocasional e esporádico para o uso constante e sistemático, transformando-se num hábito. A prática dos hábitos gera o costume. A vivência dos costumes leva à tradição. A tradição é o acervo de soluções e respostas, saberes e fazeres humanos herdados e doados entre gerações.

RIBEIRO (1976) destaca o folclore como um material de grande relevância para o ensino, tanto pelo que possui de sabedoria, de beleza e de técnica quanto pelo que condensa de traços fundamentais da continuidade tradicional das nações.

O Congresso Nacional, mediante a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) número 5.692, de 11 de agosto de 1971, sobre os estudos do Folclore Brasileiro considera este como a “*ciência de povo”*, a ciência da psicologia coletiva observada através das tradições, os costumes, as crenças populares, o conjunto de canções de uma época ou região e de todas as manifestações espirituais, artísticas e culturais de um povo transmitido através das gerações. Portanto, no folclore se encerram a cultura, as atividades artísticas, a história, a vida, o próprio espírito de um povo.

2.3 Danças Folclóricas

São as danças populares de qualquer país, legada tradicionalmente como a música, as festas, as superstições, cantos e rituais. Teve sua evolução como as outras atividades de um povo. São mais ou menos fixas na sua forma, sofrendo, porém variações, como a linguagem, de país para país. Essas danças nos foram legadas pelos nossos antepassados.

O homem sempre dançou, em diversos momentos de sua vida, e por diferentes razões, impulsionado pelos rituais, celebrações, como forma de representação de fenômenos, emoções, ações ou símbolos. Dançou ainda para se afirmar ou para se comunicar, para impor força ou reconhecer fraquezas, possibilitando uma vivência plena e vital, através de seu próprio corpo.

Sabe-se que nenhuma sociedade é estática, pois sua cultura se modifica continuamente pela incorporação de novos elementos. No caso do Brasil, segundo CÔRTES (2000), é notável uma grande diversidade cultural por causa da miscigenação do seu povo, e complementa:

> [...] herdou-se, por exemplo, o modelo europeu na concepção do calendário das festas tradicionais que se entrelaçam com as influências dos negros africanos e indígenas nativos, proporcionando ao país muitas festividades singulares. Nessas comemorações, observam-se vários elementos que lhes dão sentido e significado, dentre eles as danças são a própria essência da manifestação popular, cada qual com sua função específica, tornada importante pela sua tradição. (p.14)

Uma das principais finalidades das danças folclóricas é dar uma idéia da vida popular de um país nas suas tradições artísticas, poéticas e musicais. O estudo e a prática das danças folclóricas levam ao conhecimento de ritmos e instrumentos musicais peculiares de uma determinada região ou nação. Faz conhecer também, os trajes, as

vestimentas, os costumes tradicionais, as lendas, os ritmos religiosos, as festas , as superstições representando uma parte de civilização humana e dando, por esse meio, uma idéia histórica de sua formação.

Neste mesmo raciocínio, CAMARGO (1997) destaca a dança como uma prática saudável, como arte, como cultura , como recreação e lazer. Dentro do trinômio som, ritmo e movimento são adquiridos bens aos sentidos e ao físico.

Durante diversas comemorações, as danças folclóricas aparecem sendo de caráter sagrado, dramático, guerreiro ou teatral expressando uma dimensão da cultura do povo brasileiro.

A dança folclórica, na escola, como método pedagógico, se manifesta como meio de educar o aluno através de sua própria vivência, integrando-o à sua cultura (SCHARNISK, 1995).

GIFFONI (1973) aponta valores importantes da dança que, além de conseguir o aprimoramento das qualidades físicas, obtém-se ainda o desenvolvimento de atributos sociais e morais; sendo sua contribuição preciosa.

Abordagem semelhante é feita por LIMA (1993):

> A dança exerce um efeito restaurados e de limpeza no corpo e no espírito de quem imerge na fluência de seus próprios movimentos. Quando uma criança ou um adulto se envolve com a dança ele executa uma série de movimentos que tem o único propósito de expressão pessoal. (p.16)

Portanto, como aponta FARO (1986), a nossa dança folclórica é, ao mesmo tempo, rica e pouco executada. Os livros especializados na matéria indicam-nos centenas de danças, das quais, muitas sobrevivem apenas em pequenas localidades e morrem a cada ano que se passa. Isso ocorre, segundo o mesmo autor, pela falta de renovação de seus intérpretes e o pouco interesse das autoridades competentes.

3 MONTES CLAROS: Aspectos Gerais

Figura 01 – Vista parcial da cidade de Montes Claros MG (Fonte: Guia Turístico de Montes Claros MG -2002)

3.1 Localização

O Município de Montes Claros situa-se no Norte do estado, na bacia do Rio Verde Grande, dentro da Bacia Hidrográfica do Alto Médio São Francisco. Na divisão geo-econômica de Minas Gerais, inclui-se na Grande Região VI e Microrregião de Montes Claros. O município, pela sua posição, localiza-se na Área Mineira do Polígono das Secas.

3.2 História

De acordo com o Guia da Guarnição / Ministério do Exército (1982), foi no século XVI que os primeiros desbravadores do Sertão Norte Mineiro, os Bandeirantes, marcaram presença.

A primeira expedição organizada que chegou na região, quando o Brasil ainda era colônia, foi chefiada pelo espanhol Bruzza Spíndola, e contou com a presença do padre catequista Aspicueta Navarro. A

denominação “Montes Claros” à cidade é atribuída a esse pioneiro, Bruzza Spíndola, chefe expedicionário, ainda nos idos de 1553. O título “Montes Claros” deve-se a ausência de nuvens baixas e cerrações, permitindo uma visão de longo alcance do horizonte, morros, serras e outros acidentes geográficos, com clareza incomum.

Em 12 de abril de 1707 o bandeirante Antônio Gonçalves Figueira, oriundo de uma bandeira de Fernão Dias Paes Leme, obteve, por alvará, uma sesmaria de uma légua e meia, na qual estabeleceu a Fazenda de Montes Claros. Tempos depois, Gonçalves Figueira retornou a Santos, deixando suas terras aos cuidados de seu filho o qual acabou sendo degredado para a África. Assim, a Fazenda dos Montes Claros passa a pertencer ao Alferes José Lopes de Carvalho, no ano de 1768, o qual construiu uma nova sede.

Como católico, o Alferes José Lopes de Carvalho fez construir uma capela na qual logo depois os fazendeiros da vizinhança fizeram construir sua casa de Domingo, dando origem a um pequeno arraial, denominado “Arraial das Formigas”, devido à presença de enorme quantidade de formigueiros na região.

Em 1776, por ocasião da morte do Alferes, o povoado já contava com um comércio florescente. A economia era baseada em pequenas lavouras, criação de gado e o comércio, no qual se permutava ou vendia gado, couro e outros produtos a mercadores, na sua maioria baianos, que transitavam pela região. O progresso surgiu em 13 de outubro de 183l, quando o povoado foi alçado à categoria de vila com a denominação de “Vila de Montes Claros das Formigas”. Após sua emancipação política e administrativa o Coronel José Pinheiro Neto foi eleito o primeiro presidente da vila.

A Vila de Montes Claros das Formigas teve participação ativa na Revolução Liberal de 1842, lutando a favor da legalidade. A seguir, em 03 de julho de 1857, foi elevada à categoria de cidade, pela Lei Provincial número 802, com o título de “Montes Claros”.

3.3 Contextualização Cultural

“*Coração robusto do sertão mineiro”, “Princesa do Norte”.* Com tantos nomes, Montes Claros é uma só para seus 289.363 habitantes (conforme o Guia Turístico de Montes Claros – 2002).

A cidade é o maior e mais importante pólo de desenvolvimento da região Norte de Minas Gerais. Localizada a mais de quatrocentos quilômetros de Belo Horizonte; setecentos de Brasília; novecentos de Salvador; mil de São Paulo e Rio de Janeiro. Mesmo assim, é considerada como um celeiro de artistas, recebendo ainda, o título de “cidade da arte e da cultura”.

No aspecto mão-de-obra e educacional possui uma Universidade Estadual – UNIMONTES com vários cursos e faculdades particulares como: Faculdades Unidas do Norte de Minas - FUNORTE, Pitágoras e Santo Agostinho.

Diversas são as escolas de educação infantil, ensino fundamental, ensino médio, ensino profissionalizante, ensino livre e cursinhos para o vestibular.

A cidade também dispõe de um sistema de comunicação bastante diversificado como torres próprias de televisão, rádio e telefonia.

Há vários eventos culturais que acontecem anualmente na cidade, dentre eles, destacam-se o Festival Nacional do Pequi (de nível

regional e nacional); o Carnamontes (carnaval temporão da cidade) que arrasta foliões de todo o estado e do país; o Festival Internacional de Danças Folclóricas; as Festas Juninas; a Exposição Agropecuária; a Festa de Agosto (catopês); a Feira Nacional da Indústria e do Comércio (FENICS); o Psiu Poético e as Festas do Ciclo Natalino.

Com duração de uma semana de apresentações, o Festival Internacional de Danças Folclóricas, realizado pela Secretaria Municipal de Cultura e pelo Grupo Folclórico Banzé, acontece todos os anos, desde 1995. Neste evento, grupos de vários países como Portugal, Itália, Peru, Paraguai, Argentina e China já abrilhantaram esta festa mostrando um pouco da cultura de seus países de origem. Conta também com a participação de vários grupos nacionais.

A cidade de Montes Claros possui, além dos grupos tradicionalmente folclóricos, grupos para-folclóricos de danças folclóricas, como: o Banzé, coordenado pela Professora Maria José Colares Araújo Moreira. Este grupo tem pesquisado, preservado e divulgado as danças Folclóricas, nacional e internacionalmente. Outro grupo é a Cia de Danças Zabelê, criada e coordenada pela musicista e professora Maria Lúcia Macedo de Oliveira, com apresentações em várias localidades. É formada por professores e alunos do Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernandes. Sua proposta é a pesquisa, divulgação e resgate das tradições culturais. E por último, o Passo Livre, coordenado por Márcia Braga, com a função de preservar e valorizar a cultura afro-brasileira, sem a preocupação de ser um grupo de negros revivendo o seu passado, mas com a consciência de que é importante para todos, um sentimento de cidadania.

Com referência às festas de junho, famosas na região, há uma grande disputa entre os bairros e clubes para ver quem faz a festa mais

bonita e animada. Nessa época, os montesclarenses se divertem com fogueiras e muita dança, como a quadrilha e o forró.

Tida como a festa dos catopês, a Festa de Agosto também acontece durante uma semana, e vários grupos folclóricos dançam com suas vestes coloridas. Nesse período, as ruas do centro da cidade e, principalmente na Praça Dr. Chaves, conhecida como Praça da Matriz, são ricamente decoradas para receberem os catopês, marujos, caboclinhos e pastorinhas cortejando e homenageando seus santos, reis, imperadores e festeiros.

Além das festividades, a cidade ainda possui centros e casas que têm como objetivos a divulgação e preservação do folclore local. Dentre eles destacam-se o Centro de Educação e Cultura Dr. Hermes de Paula, o Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernandez, a Casa do Artesão, o Mercado Municipal e o Centro de Tradições Mineiras – Museu do Folclore.Fundado em 1979. O Centro Cultural Dr. Hermes de Paula desenvolve um importante trabalho de preservação e resgate da cultura montesclarense, promovendo eventos que incentivam a arte e os artistas. Possui uma sala especial que se destina a reuniões da “Academia Montesclarense de Letras”; uma biblioteca ocupando um dos andares do edifício; uma galeria de artes onde se realizam exposições de artesanato, obras de arte e poesias dos artistas locais e regionais, e um auditório com capacidade para 250 pessoas.

O Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernandez é uma instituição de mérito no cenário artístico, mineiro e nacional que vem ampliando a cultura montesclarense e formando um grande número de alunos no setor das artes musicais e também plásticas.

A Casa do Artesão foi criada pela Prefeitura Municipal de Montes Claros para exposição e oficina de criação de vários tipos de

trabalhos artesanais da região. Os artesãos fabricam as tradicionais peças em cerâmica, bonecas de pano, colchas de fios de algodão feita nos teares e figuras do folclore.

No Mercado Municipal encontra-se produtos como o pequi, o licor do pequi, a carne de sol, requeijão, rapadura, queijos, doces caseiros, farinha de mandioca, polvilho, cachaça e diversos produtos artesanais e típicos da região.

Já o Museu do Folclore Foi inaugurado a 12 de agosto de 1993 por iniciativa da Professora Maria José Colares de Araújo Moreira e outros interessados no assunto, que viam a necessidade de um museu específico sobre o folclore regional. Atualmente, recebe inúmeros estudantes para pesquisar e visitantes de outras localidades.

Portanto, Montes Claros, apesar de ser a maior cidade do Norte de Minas, ser um pólo regional, conserva ainda o jeito simples de ser do interior. Um povo alegre e hospitaleiro que vive, cultiva e preserva a cultura local. Cultura esta que vem sendo preservada pelo esforço e dedicação das pessoas que amam esta terra.

3.4 As Danças Folclóricas em Montes Claros

A seguir, serão descritas as danças folclóricas de maior representatividade na cidade Montes Claros – MG.

CALANGO

Figura 02 – Dança Calango (Fonte: Côrtes, 2000 – Dança Brasil!: Festas e Danças Populares)

CÔRTES (2000) descreve que, apesar de ser pouco conhecido no Brasil, o calango é uma dança muito popular em Minas Gerais, principalmente na região do norte do estado. Com um ritmo contagiante costuma ser apresentado como canto ou baile em diversas cidades mineiras, especialmente no Norte do Estado.

Considerada uma dança popular profana, se desenvolve com os pares dançando enlaçados, em estilo de samba de composição simples, porém a coreografia é livre e apresentada em ritmo quartenário.

O instrumento utilizado é a sanfona acompanhada de viola e pandeiros.

Segundo CÔRTES (2000;p.156) "*o calango pode também significar desafio de versos cantados por um solista e repetidos pela platéia em coro".* O principal objetivo é agradecer ao santo de devoção pela boa colheita, ou festejar e comemorar o dia do padroeiro.

Não há uma indumentária específica para a dança. Os pares dançam com movimentos simples e uma alegria que contagia a todos,

podendo apresentar sapateados ou palmas, como acontece na Catira. Portanto, a coreografia acontece de forma espontânea e particular.

QUADRILHA

Figura 03 – Dança Quadrilha (Fonte: Foto cedida por uma Escola Estadual de Montes Claros MG)

No século XIX era uma Dança Palaciana que abria os bailes da corte em qualquer país europeu ou americano. Era preferida por toda a sociedade. Popularizou – se, sem perder o prestígio aristocrático, foi transformada pelo povo, recebendo novas figuras e comandos inesperados, constituindo um verdadeiro baile (CASCUDO, 2000).

Atualmente, é a dança típica das festas juninas. É considerada herança do folclore francês acrescido de manifestações típicas da cultura portuguesa. Chegou ao Brasil no século XIX, trazida pela Corte Real Portuguesa.

Segundo AMARAL (1998), a quadrilha foi inspirada na contradança francesa e sua origem no Brasil está na chegada da Corte Real Portuguesa, no começo do século passado. Fugindo das tropas de Napoleão Bonaparte, D. João VI trouxe, além da Família Real, vários artistas franceses e com eles vieram também, os modismos da vida

européia, dos quais tinham como um dos favoritos, a quadrilha, que era dirigida e coordenada por mestres franceses da contradança. Algumas expressões de comando dessa dança transformaram-se em comandos bem típicos da quadrilha caipira. Como cita alguns exemplos de termos como *‘anarriê’* (en arrière, que significa ‘ para trás’), ou ‘*anavã’ (en avant,* que significa ‘em frente’).

Inicialmente era dançada apenas pela nobreza. Caindo nas graças do povo animado e festeiro, popularizou-se adquirindo características bem caipiras. Originalmente foram chamadas de Festas Joaninas, em homenagem a São João, e tem uma simbologia rural. Isso porque, nesses lugares, as comemorações ocorrem na véspera do período de colheita de alguns alimentos.

A dança foi batizada de quadrilha, porque suas figuras lembravam a formação militar, onde os soldados se posicionavam formando um quadrado.

As festas iniciam sempre em 13 de junho, quando se comemora o dia de Santo Antônio, considerado o santo casamenteiro e cultuado por mulheres solteiras. O santo é lembrado com promessas e simpatias para arrumar um casamento e ter sorte.

A principal comemoração é de São João no dia 24 de junho. Segundo a tradição a festa deve começar ao entardecer com queima de fogos, para que o fogo e barulho espantem as más influências, protegendo a natureza e as pessoas que habitam o lugar. A fogueira não pode faltar, pois simboliza o sol e a fecundação da terra.

A última festa é a de São Pedro, protetor dos pescadores, no dia 29 de junho. Como nas anteriores, a festa é animada com muita comida e bebidas típicas.

A quadrilha teve aqui e em outros lugares o seu áureo tempo. Hoje, elas não são dançadas nos bailes de gala, mas ainda perdura nas noites de São João, ao som da sanfona. É dançada com 16 e 20 pares e usados termos em francês e português para marcar o seu andamento.

DANÇA DOS CATOPÊS

Figura 04 – Dança dos Catopés (Fonte: Cartão Postal da cidade de Montes Claros MG)

Agrupam-se “em ternos” contendo mais ou menos 20 pessoas, entre adultos e crianças, somente homens. Apresentam em duas colunas começando do maior para o menor. O chefe dança e comanda os cantos entre as duas colunas e à frente há dois porta-bandeiras a paisana. A vestimenta é simples, constituída de calça, paletó e camisa de cor branca ou clara. O calçado não é obrigatório. Na cabeça atam um lenço e sobre este assentam um capacete, aberto dos dois lados e enfeitados com espelhos, aljôfares e fitas de várias cores. Cada um conduz um instrumento. Os dançantes são os “donos” da festa de agosto, pois eles têm obrigação de organizar e acompanhar o “reinado” dos santos homenageados.

Anualmente, sorteiam-se pessoas da sociedade, quase sempre crianças, que se candidatam previamente, para serem rei, rainha, príncipes e princesas de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito. Na festa do Divino não há rei – é imperador. No dia da festa, logo pela manhã, os catopês saem pelas ruas cantando e pulando no ritmo dos louvores. Forma-se o cortejo. Pessoas da família do festeiro, grande massa popular e a banda de música formada por militares, acompanham o cortejo que se destina à Igreja do Rosário, local que, além da Praça da Matriz, se concentra também, há vários anos, a festa. Os dançantes vão à frente, cantando e dançando, distanciando um pouco, mas voltando em seguida para junto dos reis para lhes fazer cumprimentos em sinal de respeito. Essa prática é feita várias vezes até a entrada do reinado na igreja, onde assistem a missa e se processa o sorteio dos festeiros para o ano futuro. Quando saem da igreja não dão as costas para o altar, em sinal de respeito. Terminado, faz-se novamente o cortejo que se encaminha à casa do festeiro responsável daquele ano, para um banquete. Ao terminar o banquete o povo vai dispersando-se e os dançantes vão dançar em várias casas de família.

Os dançantes formam uma espécie de dinastia, tradicionalmente passam, nas mesmas famílias, dos pais aos filhos e netos. Fazem aqui três ternos, dois de Nossa Senhora do Rosário e um de São Benedito. Todos brincam e dançam os três dias.

Segundo Paula[1] (Comunicação Oral, 2003), essa festa acontece desde 1838, homenageando Nossa Senhora do Rosário, o Divino Espírito Santo e São Benedito. São, portanto, mais de 160 anos que, além dos Catopês, os Caboclinhos e os Maujos percorrem as ruas

[1] Virgílio Abreu de Paula, pesquisador e historiador montesclarense.

de Montes Claros, seguindo seus reis, rainhas, imperadores, imperatrizes, princesas etc.

DANÇA DOS MARUJOS

Figura 05 – Dança dos Marujos (Fonte: Foto Cedida pelo Centro Cultural Hermes de Paula – Montes Claros MG)

Também conhecida como ‘Chegança’, ’Chegança dos Mouros’, ’Barca’, ‘Fandango’ ou simplesmente Marujada, como é conhecida em Montes Claros.

HERMES DE PAULA (1979) a descreve como teatralização da epopéia da Nau Catarineta, exaltando os feitos dos marinheiros portugueses e os princípios cristãos da religião católica.

Em Montes Claros, os marujos saem às ruas nas festividades folclóricas de agosto entoando suas canções suaves e abrilhantando as festas em honra a Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Divino Espírito Santo. CÔRTES (2000), faz algumas observações importantes a este respeito:

> [...] *nos cantos, exaltam os feitos de marinheiros portugueses nas suas viagens pelo mar, cantando lamúrias de muitos naufrágios e entoando versos que falam das obrigações e trabalhos próprios do navio, fazendo referências ao romance da Nau Catarineta. Além dos instrumentos de percussão, utilizam violas de 12 cordas em suas apresentações. Durante as exibições, realizam as embaixadas e, logo a seguir, a resinga, nome dado à luta de dois*

> *embaixadores, um vestido de azul e outro de vermelho, com a vitória do primeiro, em uma clara referência à guerra existente entre os mouros e os cristãos. Os embaixadores utilizam roupa luxuosa e são responsáveis pela parte teatral da apresentação. (p.153)*

Compõem a marujada de 18 a 24 marujos simples. Há um patrão, um contramestre, um piloto e um calafatinho, além dos guardas. Saem cantando e dançando, em formações militares, constituindo duas colunas, usando pandeiros e violas. A roupagem não se assemelha em nada com os marinheiros de verdade. São calças compridas com babados de renda, umas blusas enfeitadas de aljôfares e rendas, chapéu branco com fitas da mesma cor da roupa e aba quebrada na testa. Metade dos marujos se vestem de cetim vermelho e a outra metade de azul. Patrão, contramestre e o piloto não usam a blusa colorida, vestem um fraque preto ou paletó azul ou preto, com dragônias, *"uma espécies de medalhas imitando as dos comandantes da marinha portuguesa*" (CÔRTES, 2000;p.153), tendo as calças curtas cobrindo os joelhos e meias compridas. Os dois primeiros trazem velhas espadas e um piloto que conduz o cetro.

O calafatinho é representado por um menino de 10 a 12 anos, vestido de cetim azul e enfeitado de aljôfares e rendas; não usa máscara. Os guardas são em número de dois e se vestem semelhante a soldados de polícia, mas usam máscaras e espadas. Esses guardas não são propriamente marujos e têm por finalidade manter o público a uma certa distância para não perturbarem a boa ordem das apresentações.

Se Montes Claros fosse localizada à beira do mar (com navegação marítima) ou rio navegável, os marujos, conduzidos pela Nau Catarineta, desembarcariam no porto. Como a realidade é outra, o rio, que passa pela cidade, tem o volume de água pequeno, não permite

qualquer tipo de navegação. Mas isso não impedem que eles demonstrem que eles não são marinheiros, tomam a ‘barca’ na casa onde se reúnem para se vestir e vão desembarcar na porta da igreja do Rosário, representando o porto (HERMES DE PAULA, 1979).

Durante o trajeto, a marujada canta e dança, repetindo os passos desenvolvidos pelos chefes. Assistem a missa, acompanham silenciosamente o “reinado” e, depois de almoçarem, saem para dançar e cantar em casas de famílias. A dança mais apreciada é a Morte do Patrão, quando se prepara para jogar o corpo do patrão no mar, conforme tradição dos marinheiros. O Piloto chega e cobre o corpo inerte do Patrão com a bandeira do Divino Espírito Santo. Nesse momento se dá o milagre. O Patrão ressuscita, num realismo mágico, o que provoca uma alegria geral de todos, inclusive do contramestre.

DANÇA DOS CABOCLINHOS

Figura 06 – Dança dos Caboclinhos (Fonte: Côrtes, 2000 –Dança Brasil ! : Festas e Danças Populares)

Trata-se de uma folgança ou festa de reminiscência indígena. Apresentam-se vestidos de saiotes vermelhos, enfeitados de penas nas pernas e nos braços, cocares, e tem nas mãos um arco e flecha, aos quais produzem um som quando é realizado o movimento de esticar e soltar a flecha, que presa ao arco, faz um barulho de estalo, marcando o ritmo dos passos da coreografia. Apresentam-se com o busto nu e pintado de urucum e outras tintas.

Os caboclinhos são constituídos, em sua maioria, de crianças de 7 a 10 anos, formando 10 a 15 pares.

CÔRTES (2000) destaca que os caboclinhos também são conhecidos como caiapós, representam o índio brasileiro catequizado pelos jesuítas, que foi associado à confraria de Nossa Senhora do Rosário.

Em algumas cidades, como Diamantina/MG e Serro/MG, os participantes terminam seus números desenvolvendo a dança do pau-de-fitas ou trança do cipó que será descrita em seguida.

A DANÇA DO PAU-DE- FITAS

Figura 07 – Dança do Pau-de-fitas (Fonte: site http:/www.brasilfolclore.hpg.ig.com.br/capoeira.htm)

Nos dizeres de CÔRTES (2000) é considerada como dança universal, por estar presente em diversas culturas do mundo, cujas origens e historicidade são determinadas pela localidade na qual se apresenta. Acrescenta ainda que parece ser mais aceita a tese de que seria um culto de solenidade às árvores, realizado desde a Antiguidade como uma forma de agradecimento aos deuses e à mãe natureza pelos bons frutos e pelas boas colheitas.

GIFFONI (1960), complementa:

> *[...] Supõe que o ritual empregado prosseguiu através dos tempos, incluindo-se o hábito de enfeitar árvores com os mais diferentes adornos e dançar em torno delas, comum ainda hoje no México e em vários países da América Central. Um dia, não se sabe quando nem onde, surgiram as fitas como ornamento, a planta foi substituída por um simples pau – o Mastro – e a movimentação daquelas em torno deste deu origem à Dança do Pau de Fitas. (p.133)*

A dança do Pau-de-fitas já era conhecida na América, antes do descobrimento do Continente. Os índios maias a tinham em seus costumes (GIFFONI,1960).

No Brasil, em algumas regiões, como em Pernambuco, é conhecida com o nome de “Vilão”; em Sergipe, como “Folguedo da Trança”; no Estado de São Paulo, como “Dança das Fitas”.

Em Montes Claros, é conhecida como a “Dança do Mastro”, “Trança de Fita” ou “Pau-de-fitas” e é muito apreciada. Sendo executada por dez (10) caboclinhos em redor de um mastro de madeira de 3 metros de altura, o qual é enfeitado com fitas e papel de seda. O mastro é portátil e tem uma base de apoio ampla para sustentação. Da extremidade superior partem dez (10) cadarços ou fitas de cores diferentes, destinadas a cada um dos caboclinhos que vão dançar. Ao

ritmo de uma cantiga vão dançando, cantando e trançando os cadarços ou fitas até cobrir parte do mastro com a trança. Quando invertem o sentido da dança, a trança é desfeita (HERMES DE PAULA, 1979).

O número de casais participantes deve ser sempre par para que possa executar as figuras corretamente (tranças).

A coreografia é composta por figuras básicas como: o trançado individual, o trançado por dois, o trançado por três e o enrolar. O destrançar ou desenrolar, é uma conseqüência daquelas. Além dessas figuras, compõe ainda de balanceios e trocar de mãos. Em algumas localidades, existe um mestre que comanda antecipadamente, as figuras que serão realizadas. Já em outras, a coreografia é ensaiada pelos participantes.

DANÇA DAS PASTORINHAS

Figura 08 – Dança das Pastorinhas (Fonte: Guia Turístico de Montes Claros MG)

Consta no Atlas de Festas Populares do Estado de Minas Gerais do Instituto de Geociências Aplicadas – IGA (1998) que as Pastorinhas relembram os pastores em Belém. Os figurantes variam de região para região, mas são imprescindíveis as figuras das pastoras, da mestra, da cigana, da estrela, da bandeira e do anjo.

Para COLARES& SILVEIRA (1999) as pastorinhas fazem parte do Ciclo Natalino. Em Montes Claros existem vários grupos de pastorinhas, que são formados por jovens adolescentes e crianças, vestidas de saias rodadas, floridas, blusas brancas com rendas, avental, chapéu de palha cheio de flores e uma cesta com frutas. Cantam e dançam pelas ruas e nas casas onde há os presépios, durante à tarde e parte da noite de Natal até o dia de Reis. Após cumprirem o ritual de homenagem ao Menino-Deus, com muita dança e cantos, elas se despedem e vão embora levando consigo brindes e aplausos.

FOLIA DE REIS

Figura 09 – Dança da Folia de Reis (Fonte: Côrtes, 2000 – Dança Brasil ! : Festas e Danças Populares)

Segundo HERMES DE PAULA (1979), os foliões são homens simples, que têm devoção com os Santos Reis. Todos os anos saem com a folia angariando esmolas e visitando os presépios.

O grupo é composto de 4 a 8 pessoas. A roupa é a costumeira, de chapéu sempre na cabeça. Alguns grupos apresentam mascarados

representando os três Reis Magos. Acompanhados de violas, rebecas, caixas e sanfona louvam os Reis Magos.

COLARES & SILVEIRA (1999) argumentam que as folias ocorrem durante o ciclo de Natal. À noite, os foliões saem cantando e dançando nas casas. Às vezes, o dono da casa é avisado da visita, outras não. Recebidos, eles dançam e cantam. Nessa visita é servido café, bolos, biscoitos e até cachaça. Citam ainda que, dentre as modalidades das Folias de Reis, existem a mulinha-de-ouro, os reis de caixa e do boi.

DANÇA DE SÃO GONÇALO

Figura 10 – Dança de São Gonçalo (Fonte: Livro Danças Populares Brasileiras – Coord. Ricardo Ohtake)

A dança consiste em passos simples, de conjunto, com a ajuda de pedaços de cipó de mais ou menos metro e meio de comprimento, envolvido de pano verde ou papel de seda e flores. As moças colocadas em duas colunas, tendo entre estas, a presença de um rapaz - meeiro ou guia - para comandar os passos e evoluções.

Os passos são de pouca variedade, mas o conjunto apresenta um aspecto agradável. Terminam o ato com a contradança, que consiste

em evoluções tipo quadrilha movimentando-se o arco e o ritmo é de marcha ligeira.

Segundo SOUTO (1999),

> [...] *os dançantes costumam afirmar que a dança é tão velha quanto o mundo, explicando suas origens através de lendas. Nas narrativas, o santo aparece como exímio violeiro e como indivíduo preocupado com a disciplina das mulheres de vida desregrada. Por isso, teria inventado uma dança prolongada, cuja roda abençoou. (p.43)*

Complementando a explicação anterior, CASCUDO (1992) cita que São Gonçalo converteu as mulheres dançando com elas alegremente, mas tinha nos seus sapatos pregos que o feriam nos pés.

SOUTO (1999) aborda ainda, sobre o culto a São Gonçalo, inclusive através da dança, foi trazido de Portugal, firmando-se na Bahia no século XVIII, quando imagem deste santo era retirada do altar para que os devotos pudessem adorá-lo e homenageá-lo com a dança. Ao som de violas, pandeiros e adufes, homens, mulheres e crianças, tantos brancos como os negros davam vivas e revivas.

Com belíssimas coreografias, com arcos enfeitados de flores e outros adereços, dançam em pagamento de promessas ou simplesmente em honra de São Gonçalo (PANIAGO, 1992).

CATIRA OU CATERETÊ

Figura 11 – Dança Catira (Fonte: Foto cedida pelo Grupo Banzé – Montes Claros MG)

Presente em manifestações culturais como a Folia de Reis, Festa do Divino ou em qualquer outra reunião festiva ,a Catira é uma das danças mais genuinamente brasileiras, de origem indígena, tal qual o seu próprio nome, tirado da língua Tupi. É uma espécie de sapateado brasileiro executado com “bate-pé” ao som de palmas e violas. Tanto é exercitado somente por homens, como também por um conjunto de mulheres. O Cateretê é conhecido e praticado, largamente no interior do Brasil, especialmente nos estados de Minas Gerais, São Paulo, Goiás e, também, em menor escala no Nordeste. Em Goiás e em Minas Gerais essa dança é conhecida apenas pelo nome de “Catira” (CÔRTES ,2000).

A dança Catira é apresentada com a participação de dois violeiros e dez dançadores.

A coreografia da dança é mais ou menos fixa. Há poucas variações de uma região para outra, de um estado para outro. Inicia-se com o “cabeçalho” (saudação dos violeiros), entoando a mesma melodia ao som do palmeado e do sapateado. Neste momento, os catireiros e os

violeiros formam uma grande roda, continuando o sapateado e o palmeado. Quando a roda se completa, há o retorno com a mesma coreografia, voltando cada um para o seu lugar. Quando esta termina os violeiros começam rasquear as violas, momento quando tem início o recortado.

No recortado, dispostos em duas fileiras, frente a frente, os catireiros, trocam de lugar a cada estrofe da moda, até que os violeiros cheguem à extremidade oposta do início. Quando chegam aos seus lugares iniciais é sinal que a dança está chegando ao final.

MACULELÊ

Figura 12 – Dança Maculelê (Fonte: site http:/www.brasilfolclore.hpg.ig.com.br/capoeira.htm)

Segundo CÂMARA CASCUDO (2000), em seu Dicionário do Folclore Brasileiro o Maculelê "*é uma representação usual na festa de Nossa Senhora da Purificação, na cidade de Salvador e em outros pontos da Bahia, como em Santo Amaro. Dez ou vinte negros, de camisas brancas de algodão, bastão de madeira em cada mão, cantam e dançam entrechocando as armas". (pág 346*)

Muito é discutido a respeito das origens do Maculelê. Alguns afirmam que foi trazido pelos negros africanos e aqui no Brasil foi mesclado com elementos da cultura indígena. Nas senzalas, para

proteger-se das chibatadas dos feitores, os negros se defendiam com pedaços de pau e facões, esquivando com o corpo como uma dança.

Há uma versão que diz que o Maculelê é uma manifestação popular de origem africana que se desenvolveu nos canaviais Santo-amarenses no século XVIII. Como a capoeira, era uma luta disfarçada em dança, em vez de armas e facões, os negros utilizavam cepos de cana na mão.

É uma manifestação de forte expressão dramática, ponto alto dos folguedos populares, destinava-se somente a participantes do sexo masculino. Em 1996 o Maculelê saiu pela primeira vez da Bahia para figurar no carnaval carioca, compondo uma ala da escola de samba Império Serrano. Com a divulgação do Maculelê, Mestre Bimba resolveu introduzir essa modalidade folclórica nas apresentações de Capoeira. Vale destacar que, no início, houve certa resistência do Maculelê por parte de alguns grupos de capoeira por considerarem uma dança efeminada.

A dança do Maculelê acontece ao ritmo dos bastões, atabaques e ao som dos cânticos em linguagem popular ou em dialetos.

Atualmente essa dança se encontra perfeitamente integrada na relação das atividades folclóricas brasileiras e é freqüentemente apresentada em exibições de grupos de capoeira e folclóricos.

Em Montes Claros, essa dança é praticada com muita freqüência entre os diversos grupos de capoeira existentes na cidade, principalmente em dia de batizados na capoeira.

Segundo uma lenda, contada por Paz[2] (Comunicação Oral, 2003) em uma determinada tribo, escolhia-se um dia para caça, e em um

[2] Mauro Henrique Carvalho da Paz, professor de Capoeira em Montes Claros.

desses dias todos os homens saíram deixando as mulheres e as crianças sozinhas. Mas um dos guerreiros da tribo ficou, não saiu para caçar. As outras tribos, que já estavam, de olho nas mulheres que ficaram sozinhas, invadiram e as aprisionaram. Foi aí que esse único guerreiro, que havia ficado na tribo, lutou contra os invasores, com apenas um pedaço de pau, defendendo a tribo até a morte. Quando os outros guerreiros chegaram da caça, souberam da história e o encontraram morto, todo quebrado. E a partir daí, fizeram uma dança usando um pedaço de pau para homenagear esse guerreiro que se chamava Maculelê. Enquanto dançavam, um feiticeiro da tribo fazia umas orações ressuscitando o guerreiro morto.

Entretanto, em um texto retirado do site *http:/www.brasilfolclore.hpg.ig.com.br/capoeira.htm,* acessado em 10/12/2002, relata que é através dos estudos de Manuel Quirino (1851-1932) que se encontram indicações de tratar o Maculelê como um fragmento do Cucumbi, uma dança dramática que os negros batiam pedaços roliços de madeira, acompanhados de cantos. Portanto, um alerta é feito:

> *[...] o Maculelê vem sofrendo profundas alterações em sua coreografia e indumentária, cujo resultado reverte em uma descaracterização. Exemplo: o que era originalmente apresentado como uma dança coreografada em círculo com uma dupla de figurantes no seu interior sob o comando do Mestre do Maculelê, foi substituído por uma entrada em fila indiana com as duplas dançando isoladamente e não tem mais o comando do Mestre. O gingado quebrado voltado para o frevo, foi substituído por uma ginga dura, de pouco molejo. Mais recentemente, faz-se a apresentação sem a entrada em fila. Cada figurante posta-se isoladamente, sem compor os pares, e realiza movimentos em*

> *separado, mais nos moldes de uma aula comum de ginástica do que uma apresentação folclórica requintada. Deve-se reconhecer que, não só o Maculelê como todas as demais manifestações populares vivas, ficam sempre muito expostas à modificações ao longo do tempo e com o passar dos anos. (p.5).*

CIRANDAS

Figura 13 – Dança Ciranda (Fonte: Livro Danças Populares Brasileiras – Coord. Ricardo Ohtake)

CASCUDO (2000) em seu Dicionário do Folclore Brasileiro aponta que a Ciranda é uma dança de roda muito comum em todo o Brasil. Músicas e letras, em sua maior parte, são portuguesas.

Outra citação é feita por OHTAKE (1989,p.115) "*dança de adultos, de origem portuguesa, parece ter seu nome ligado à alfaia (instrumento que peneira a farinha que, em espanhol, é conhecida como Zaranda). Trás passos tradicionais ao lado de possibilidades infinitas de improvisação".*

A Ciranda brasileira conserva muitas características das antigas Cirandas portuguesas, hoje praticadas com algumas modificações. Segundo informações contidas no site http://www.ifolclore.com.br/danças/ciranda.htm, acessado em 01/04/2003, em Portugal a dança se consagrou como dança de adulto, já no Brasil, a vemos com várias feições: dança infantil ou roda cantada, dança de adultos, ambas muito difundidas em todo o território. Em alguns lugares como Parati, no Estado do Rio de Janeiro, ela tem um aspecto de Samba Rural. Já em Pernambuco, foge um pouco aos tipos conhecidos. Continua em roda, porém apresenta aspectos copiados da Quadrilha, notando se, ainda, a grande influência do Frevo. Tem um acompanhamento instrumental bastante variado e em algumas apresentações conta com a participação apenas do sexo feminino.

3.5 O folclore no contexto da Educação Física Escolar Brasileira

Dos quinhentos anos de história do Brasil, mais de trezentos foram passados sob o domínio de Portugal. O Brasil enquanto colônia, muito dos aspectos de sua cultura, de seu cotidiano e sua ciência tinham origem na metrópole, que conferia à colônia suas formas de ver o mundo quase sem adaptações (SABA, 2001).

A história da educação institucionalizada no Brasil iniciou com a chegada dos jesuítas em 1549. Em primeiro momento, com os índios, desenvolveu um trabalho intelectual e de práticas corporais. Outro momento do ensino jesuíta foram os seminários e colégios, mas sem qualquer rudimento da Educação Física (SABA, 2001).

No Brasil, parece ser bem antiga a idéia de aproveitamento do folclore como meio de ensino, como mostra RIBEIRO (1993) quando

relata que Já no começo da nossa história, os jesuítas o aplicaram com extrema sabedoria na catequese, utilizando as danças e os cantos indígenas, e encenando seus autos.

No Período Imperial (1822), ocorreram as primeiras tentativas de reforma do sistema educacional. Surgem os primeiros livros genuinamente nacionais. Apesar dos esforços para implementação da Educação Física nas escolas, esse período não promoveu estímulos pedagógicos significativos, ficando a Educação Física entre as preocupações de ordem médica e militar (SABA, 2001).

O Período da Republica é destacado como o período da efervescência da prática da atividade física, como a introdução de várias modalidades esportivas, como basquete, vôlei e a ginástica, introduzidos pela Associação Cristã de Moços (ACM) desde sua fundação no país, em 1893.

Nas primeiras décadas do século XX foi marcante a influência dos métodos ginásticos militares. Neste período a Educação Física Escolar era entendida como atividade exclusivamente prática, o que não a diferenciava da instrução militar. Os profissionais de Educação Física, que atuavam nas escolas, eram formados por estas instituições (SABA,2001)

Ao longo dos tempos a Educação Física Escolar vem passando por transformações, mudando seus objetivos e apresentando novas propostas. SABA (2001) expõe alguns marcos importantes na história da Educação Física Escolar Brasileira:

a) Após a II Guerra Mundial surgem outras tendências no âmbito escolar, destacando o método natural austríaco e o método da educação física desportiva generalizada. Predomina neste último a influência do esporte, o que cresceu tanto que passamos a ter não o

esporte da escola, mas sim o esporte na escola, isso determinou o esporte como conteúdo de ensino da educação física, promovendo uma nova relação professor – aluno, que passou para professor/treinador e aluno atleta;

b) Na década de 70, no reordenamento da Educação Física, os princípios da pedagogia tecnicista dão um novo rumo à Educação Física Escolar, tendo como princípios a racionalidade, a eficiência e a produtividade;

c) Na década de 80 surge o movimento humanista que mudou a concepção de Educação Física, destacando a psicomotricidade, a sociologia etc.

Esses fatos nos levam a crer que a Educação Física tem buscado sua identidade como área de estudo fundamental para a compreensão e entendimento do ser humano, enquanto produtor de cultura.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996) estabelece como princípio e finalidade da Educação Física Escolar o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Sabe-se que oportunidades de movimento, adequadas às características e necessidades da criança, são fundamentais para o desenvolvimento global do ser humano. No entanto, é necessário especificar que o conceito de movimento, nesse sentido, implica muito mais do que o deslocamento do corpo, produzido como uma conseqüência do padrão espaço-temporal da contração muscular. É através do movimento que o ser humano se relaciona com o meio ambiente para alcançar seus objetivos. Comunicar, expressar seus sentimentos e sua criatividade, por meio do movimento, o ser humano

interage com o meio físico e social, aprendendo sobre si mesmo e sobre o outro. (TANI,1988; FREIRE, 1989)

Na escola, a educação deve ser fundamentada em bases sólidas, no cotidiano, na cultura, para que ela possa contribuir efetiva e verdadeiramente para o crescimento. Preocupar-se com a formação de seres humanos autônomos, livres e criativos. Deve ainda, considerar o agir do homem em relação a si mesmo, aos outros e à natureza, sendo ele próprio o condutor de seus próprios destinos, argumenta SILVA (1987).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) entendem a Educação Física Escolar como uma cultura corporal e através dela é possível que se vivenciem diferentes práticas corporais advindas das mais diversas manifestações culturais. Tendo ainda como um dos objetivos conhecer, valorizar respeitar e desfrutar da pluralidade de manifestações de cultura corporal do Brasil e o mundo, percebendo-as como recurso valioso para integração entre pessoas e entre diferentes grupos sociais (BRASIL, 1997)

A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 da LDB, estabelece no seu Art. 1º que "*a educação abrange todos os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais".*

Em seu Art. 3º, inciso II determina que "*o ensino será ministrado com base na liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber".*

Quanto à Educação Física, no Art. 26, parágrafo 3º, traz a seguinte redação: *"A Educação Física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da Educação Básica, ajustando-se às*

faixas etárias e às condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos".

Nessa perspectiva, o currículo passou a ser mais flexível e atento às possíveis diferenças culturais e diversidade de interesses do educando, como está explícito no Art.26 da LDB: "*Os currículos de Ensino Fundamental e Médio devem ter uma base nacional comum a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela".*

Fica claro, no entanto, que não existem atividades obrigatórias, permitindo que, qualquer iniciativa da escola, ou mesmo de um professor com seus alunos, leve adiante projetos de Educação Física voltados a temas como a ginástica, lutas, caminhada, e principalmente danças folclóricas.

A partir desta concepção, as aulas de Educação Física devem desenvolver outras práticas corporais além dos esportes, como a dança, ginástica geral, jogos e lutas, e através delas e do próprio esporte, exercer seu papel de contribuir na formação da criança (BRITO, 1999).

Por outro lado, ADIB (1994) chama a atenção manifestando que:

> *[...] A Educação Física sempre se preocupou com modelos importados tanto em relação ao esporte, tradicionalmente o seu mais expressivo conteúdo, quanto aos métodos ginásticos, passando pela dança e por lutas ou práticas orientais. No entanto, o nosso país possui uma riqueza extraordinária em relação às várias culturas de movimento existentes nas diferentes regiões, e isso foi muito pouco explorado historicamente pela Educação Física, em razão de um cientificismo apoiado em um referencial teórico eminentemente europeu e norte-americano. (p.59)*

Neste sentido, ROCHA (1996) sugere que:

> [...] *o Folclore visto sem a viseira do preconceito, é um forte elemento de formação de cidadania e nacionalidade. É, ao mesmo tempo, o que nos confirma a condição de seres humanos universais e nos reafirma e nos diferencia como seres brasileiros, italianos, alemães, mexicanos, etc". (p.12)*

E o mesmo autor ainda acrescenta que somos portadores de variados e ricos fatos folclóricos que, se vistos além de eventos, são matéria prima de melhor qualidade para nossa formação educacional e comunitária, criação da auto-estima, afirmação da personalidade e consolidação da cidadania. Facilitando também, o aprendizado da linguagem, do raciocínio lógico e do conhecimento da sua própria história e do seu povo.

4 METODOLOGIA

4.1 Caracterização da Pesquisa

Este estudo foi baseado em revisão de literatura, observações, e entrevista com pessoas envolvidas no assunto.

Teve uma abordagem quantitativa envolvendo comparações de respostas entre os professores de Educação Física nas três categorias de instituição de ensino (particular, estadual e municipal).

Também houve uma abordagem qualitativa onde foi feita a análise das respostas.

4. 2 População

Foi considerada população deste estudo os professores encarregados de ministrar as aulas de Educação Física no Ensino Fundamental nas escolas públicas (municipais e estaduais) e particulares da cidade de Montes Claros MG.

O universo das Instituições de Ensino Fundamental na cidade de Montes Claros é formado por 134 (cento e trinta e quatro) escolas com Ensino Fundamental (51 escolas na rede estadual, 51 escolas na rede municipal e 28 na rede particular). A pesquisa foi realizada somente em escolas que apresentaram o Ensino Fundamental completo, ou seja, de 1ª a 8ª séries. Desta forma chegou-se a um número de 67 (sessenta e sete) escolas, sendo 35 estaduais, 22 municipais e 10 particulares. Como o objetivo de estudo estava centrados na cidade, na zona urbana, as escolas da zona rural foram excluídas, chegou-se, portanto, ao

número de 53 (cinqüenta e três) estabelecimentos de Ensino Fundamental (31 estaduais, 12 municipais e 10 particulares)

Após selecionadas as Instituições, foi feito um levantamento do número de professores de Educação Física que atuavam nas mesmas, chegando a um resultado de 138 (cento e trinta e oito) professores distribuídos da seguinte forma: 101 na rede estadual, 12 municipal e 25 na rede particular.

4.3 – Amostra

A amostra foi composta de 74 indivíduos, sendo 51 professores da rede estadual, (representando 50,49% de um total de 101 professores); 08 professores da rede municipal (representando 66,66% de um total de 12 professores); e 15 professores da rede particular (representando 60% de um total de 25 professores).

Houve uma preocupação de manter um mínimo de 50% de profissionais nas três categorias de Instituição de Ensino.

4.4 Procedimentos Metodológicos

Foi elaborado um questionário (anexo I) o qual foi aplicado aos professores de Educação Física presentes na unidade de ensino no dia da visita do pesquisador.

Cada professor recebeu, juntamente com o questionário, uma carta de esclarecimento (anexo II) onde constava, além do objetivo, que o nome e a instituição não seriam divulgados.

O questionário aplicado foi elaborado pelo próprio pesquisador depois de um teste piloto; e o mesmo não passou por um processo de validação, sendo baseado no referencial teórico pesquisado.

4.5 Análise Estatística

A análise dos dados foi feita no pacote estatístico SPSS for windows , versão 10.0. Uma avaliação preliminar foi realizada sobre os dados obtidos da amostra e em nenhuma variável foi constatado casos faltosos. Após análise exploratória foram realizadas análises descritivas e inferenciais .

Conforme delineamento do estudo foi realizado um teste binomial de Qui-quadrado (X^2) para comparar as respostas quanto ao conhecimento e a utilização das danças folclóricas entre professores de Educação Física da rede estadual, municipal e particular.

5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O teste de Qui-quadrado foi conduzido para detectar possíveis diferenças nas respostas dos professores de Educação Física em função da instituição a que pertenciam. A análise foi feita para cada item da três questões propostas.

Ao serem questionados sobre o conhecimento da dança folclórica Calango, os professores das três categorias de instituição de Ensino Fundamental de Montes Claros demonstraram, em grande porcentagem, o não conhecimento da mesma. Portanto, o resultado do teste não foi significante, apresentando X^2 (2,n = 74) = .481; p = 0,786, como mostra a Tabela 01.

Embora CORTES (2000) relate que o Calango seja uma dança muito popular em Minas Gerais e principalmente no Norte de Minas, a maioria dos professores de Educação Física que participaram do estudo demonstrou o não conhecimento desta.

Tabela 01 – Distribuição de freqüência de respostas quanto ao conhecimento da **Dança Calango** pelos professores de Educação Física nas 03 categorias de instituição do Ensino Fundamental da cidade de Montes Claros MG.

	Dança Calango		Total
	Não conhece	Conhece	
Escola Estadual	48 64.9%	3 4.1%	51 68.9%
Escola Municipal	7 9.5%	1 1.4%	8 10.8%
Escola Particular	14 18.9%	1 1.4%	15 20.3%
Total	69 93.2%	5 6.8%	74 100.0%

A Tabela 02, revela o conhecimento da dança Quadrilha. Verificou-se que o resultado do teste não foi significante. Todos os professores envolvidos no estudo, nas três categorias de Ensino Fundamental, demonstraram ter conhecê-la.

O fato de todos os professores envolvidos no estudo demonstrarem ter conhecimento da dança Quadrilha pode estar relacionado à popularidade da mesma, ao fato de ser a dança das festas juninas e ter um estilo mais caipira. Como Montes Claros se apresenta com características do interior, as festas juninas estão entre as mais destacadas no calendário cultural da cidade.

Tabela 02 – Distribuição de freqüência de respostas quanto ao conhecimento da **Dança Quadrilha** pelos professores de Educação Física nas 03 categorias de instituição do Ensino Fundamental da cidade de Montes Claros MG

	Dança Quadrilha		Total
	Não conhece	Conhece	
Escola Estadual		51 68.9%	51 68.9%
Escola Municipal		8 10.8%	8 10.8%
Escola Particular		15 20.3%	15 20.3%
Total		74 100.0%	74 100.0%

Relacionada ao conhecimento da dança dos Catopês, a Tabela 03, mostra que o resultado do teste também não foi significante, com $X^2(2,n=74)=2.548;p=0.280$. Os professores das três categorias, em maior percentual, apresentaram ter conhecimento da mesma.

Como Quadrilha a dança dos Catopês tem grande popularidade na cidade por causa da Festa de Agosto. Segundo Paula[3] (Comunicação

[3] Virgílio Abreu de Paula, pesquisador e historiador montesclarense.

Oral, 2003), esta festa acontece desde 1838, homenageando Nossa Senhora do Rosário, o Divino Espírito Santo e São Benedito. São, portanto, mais de 160 anos que, além dos Catopês, os Caboclinhos e os Marujos percorrem as ruas de Montes Claros, seguindo seus reis, rainhas, imperadores, imperatrizes, princesas etc.

Atualmente, a festa acontece na Praça da Matriz (centro da cidade), e durante o cortejo várias ruas ficam com o trânsito impedido para automóveis, favorecendo a uma maior participação da população.

Tabela 03 – Distribuição de freqüência de respostas quanto ao conhecimento da **Dança dos Catopês** pelos professores de Educação Física nas 03 categorias de instituição do Ensino Fundamental da cidade de Montes Claros MG.

	Dança dos Catopês		Total
	Não conhece	Conhece	
Escola Estadual	4 5.4%	47 63.5%	51 68.9%
Escola Municipal	2 2.7%	6 8.1%	8 10.8%
Escola Particular	1 1.4%	14 18.9%	15 20.3%
Total	7 9.5%	67 90.5%	74 100.0%

Quanto ao conhecimento da dança dos Marujos, houve um resultado não significativo, $X^2(2,n=74)=.081;p=0.960$. O número de professores que demonstraram não ter conhecimento da dança, tanto em uma categoria como nas demais, foi de aproximadamente 50 %. Como demonstra a Tabela 04.

Embora os Marujos e Caboclinhos têm uma participação na Festa de Agosto igual aos Catopês, são os últimos que levam o destaque. Até mesmo a decoração da praça é mais voltada para os Catopês.

Tabela 04 – Distribuição de freqüência de respostas quanto ao conhecimento da **Dança dos Marujos** pelos professores de Educação Física nas 03 categorias de instituição do Ensino Fundamental da cidade de Montes Claros MG

	Dança dos Marujos		Total
	Não conhece	Conhece	
Escola Estadual	19 25.7%	32 43.2%	51 68.9%
Escola Municipal	3 4.1%	5 6.8%	8 10.8%
Escola Particular	5 6.8%	10 13.5%	15 20.3%
Total	27 36.5%	47 63.5%	74 100.0%

O conhecimento da dança dos Caboclinhos, Tabela 05, foi demonstrado pela maioria dos professores nas três categorias de Ensino Fundamental Dança dos Caboclinhos, apresentando $X^2(2,n=74)=.497;p=0.780$, porém o resultado do teste não foi significativo.

Os caboclinhos, segundo CÔRTES (2000), são a representação do índio brasileiro catequizado pelos jesuítas e associados à confraria de Nossa Senhora do Rosário.

Tabela 05 – Distribuição de freqüência de respostas quanto ao conhecimento da **Dança dos Caboclinhos** pelos professores de Educação Física nas 03 categorias de instituição do Ensino Fundamental da cidade de Montes Claros MG

	Dança dos Caboclinhos		Total
	Não conhece	Conhece	
Escola Estadual	22 29.7%	29 39.2%	51 68.9%
Escola Municipal	3 4.1%	5 6.8%	8 10.8%
Escola Particular	5 6.8%	10 13.5%	15 20.3%
Total	30 40.5%	44 59.5%	74 100.0%

Analisando a questão em ter conhecimento da dança das Pastorinhas, Tabela 06, com $X^2(2,n=74)=3.441;p=0.179$, e das danças da Folias de Reis, Tabela 07, com $X^2(2,n=74)=1.572;p=0.456$, o resultado dos testes não foram significativos. Nas três categorias de Ensino Fundamental a maioria dos professores tem conhecimento da dança.

Para COLARES & SILVEIRA (1999) as Pastorinhas e as Folias de Reis fazem parte do Ciclo Natalino. Quando dançam, recebem muitos brindes e aplausos e, após cumprirem o ritual de homenagem ao Menino-Deus, com muita dança e cantos, elas se despedem e vão embora.

Com um povo festeiro e muito devoto, é comum na maioria das casas, montar o presépio, dos quais, muitos recebem a visita das Pastorinhas e da Folia de Reis.

Segundo HERMES DE PAULA (1979) todos os anos os foliões saem às ruas visitando os presépios e angariando esmolas. Os grupos são compostos de homens que têm muita devoção com os Santos Reis.

Tabela 06 – Distribuição de freqüência de respostas quanto ao conhecimento da **Dança das Pastorinhas** pelos professores de Educação Física nas 03 categorias de instituição do Ensino Fundamental da cidade de Montes Claros MG

	Dança das Pastorinhas		Total
	Não conhece	Conhece	
Escola Estadual	15 20.3%	36 48.6%	51 68.9%
Escola Municipal		8 10.8%	8 10.8%
Escola Particular	3 4.1%	12 16.2%	15 20.3%
Total	18 24.3%	56 75.7%	74 100.0%

Apresentando um resultado do teste não significativo, com $X^2(2,n=74)=1.572;p=0.456$, a Tabela 07 assemelha à anterior. Nas três categorias de Ensino Fundamental a maioria dos professores tem conhecimento da dança das Folias de Reis.

Tabela 07 – Distribuição de freqüência de respostas quanto ao conhecimento da **Dança das Folias de Reis** pelos professores de Educação Física nas 03 categorias de instituição do Ensino Fundamental (Estadual, Municipal e Particular) da cidade de Montes Claros MG

	Dança das Folias de Reis		Total
	Não conhece	Conhece	
Escola Estadual	15 20.3 %	36 48.6%	51 68.9%
Escola Municipal	2 2.7%	6 8.1%	8 10.8%
Escola Particular	2 2.7%	13 17.6%	15 20.3%
Total	19 25.7%	55 74.3%	74 100.0%

Embora apresente um resultado de teste não significativo, $X^2(2,n=74)=3.127;p=0.209$, o conhecimento da dança de São Gonçalo pelos professores de Educação Física nas três categorias de Ensino Fundamental, Tabela 08, está equilibrado com o não conhecimento da mesma. A metade dos professores envolvidos no estudo conhece, a outra não.

Tal resultado pode está relacionado ao fato da dança de São Gonçalo ser executada, normalmente, por pessoas da comunidade, nos bairros mais periféricos. Quando dançam, fazem homenagem ao Santo e principalmente pagam promessas.

Tabela 08 – Distribuição de freqüência de respostas quanto ao conhecimento da **Dança de São Gonçalo** pelos professores de Educação Física nas 03 categorias de instituição do Ensino Fundamental da cidade de Montes Claros MG

	Dança de São Gonçalo		Total
	Não conhece	Conhece	
Escola Estadual	29 39.2%	22 29.7%	51 68.9%
Escola Municipal	3 4.1%	5 6.8%	8 10.8%
Escola Particular	5 6.8%	10 13.5%	15 20.3%
Total	37 50.0%	37 50.0%	74 100.0%

Foi detectado que o percentual de conhecimento da dança Catira, pelos professores de Educação Física nas três categorias de Ensino Fundamental, é bem inferior ao do não conhecimento da mesma, Tabela 09. Porém, o resultado do teste não foi significativo, $X^2(2,n=74)=2.071;p=0.355$.

Segundo CÔRTES (2000), é considerada como uma dança genuinamente brasileira, praticada principalmente em Minas Gerais, Goiás e São Paulo e está presente nas Folias de Reis e Festa do Divino.

Em Montes Claros, essa dança se manifesta, na maioria das vezes em apresentações de palco. Talvez pela complexidade dos passos ela não esteja tão presente entre a população.

Tabela 09 – Distribuição de freqüência de respostas quanto ao conhecimento da **Dança Catira** pelos professores de Educação Física nas 03 categorias de instituição do Ensino Fundamental da cidade de Montes Claros MG

	Dança Catira		Total
	Não conhece	Conhece	
Escola Estadual	38 51.4%	13 17.6%	51 68.9%
Escola Municipal	4 5.4%	4 5.4%	8 10.8%
Escola Particular	11 14.9%	4 5.4%	15 20.3%
Total	53 71.6%	21 28.4%	74 100.0%

Verificando o conhecimento dos professores, quanto à dança Maculelê, nas três categorias de Ensino Fundamental, Tabela 10, constatou-se um resultado não significativo, $X^2(2,n=74)=1.063;p=0.588$. Os percentuais de conhecimento e não conhecimento são quase equiparados.

A dança Maculelê, atualmente está vinculada aos grupos de capoeira. Em Montes Claros existe um número considerado de grupos de capoeira. Realizam com freqüência, a dança Maculelê nos dias de batizados da capoeira. Porém, os batizados são realizados em ambientes fechados, tendo como público, na maioria das vezes, apenas os praticantes de capoeira.

Tabela 10 – Distribuição de freqüência de respostas quanto ao conhecimento da **Dança Maculelê** pelos professores de Educação Física nas 03 categorias de instituição do Ensino Fundamental da cidade de Montes Claros MG

	Dança Maculelê		Total
	Não conhece	Conhece	
Escola Estadual	24 32.4%	27 36.5%	51 68.9%
Escola Municipal	5 6.8%	3 4.1%	8 10.8%
Escola Particular	6 8.1%	9 12.2%	15 20.3%
Total	35 47.3%	39 52.7%	74 100.0%

Ao ser questionados quanto ao conhecimento da dança Ciranda, Tabela 11, os professores, em maior parte, nas três categorias de Ensino Fundamental, demonstraram ter conhecimento da mesma. Porém, $X^2(2,n=74)=.557;p=0.757$, o resultado do teste não foi significativo.

A Ciranda é a dança de roda muito comum em todo o Brasil (CASCUDO, 2000), isso pode justificar o fato da maioria dos professores manifestar ter conhecimento da mesma.

Tabela 11 – Distribuição de freqüência de respostas quanto ao conhecimento da **dança Ciranda** pelos professores de Educação Física nas 03 categorias de instituição do Ensino Fundamental da cidade de Montes Claros MG

	Ciranda		Total
	Não conhece	Conhece	
Escola Estadual	8 10.8%	43 58.1%	51 68.9%
Escola Municipal	2 2.7%	6 8.1%	8 10.8%
Escola Particular	2 2.7%	13 17.6%	15 20.3%
Total	12 16.2%	62 83.8%	74 100.0%

Situação semelhante é percebida na Tabela 12. A maioria dos professores nas três categorias de Ensino Fundamental demonstrou ter conhecimento da dança do Pau-de-fitas. Embora o resultado do teste não apresentasse significância, $X^2(2,n=74)=.219$; $p=0.896$.

Nos dizeres de CÔRTES (2000) é considerada como uma dança universal. Em Montes Claros ela é sempre executada pelos Caboclinhos, na Festa de Agosto, conforme afirma HERMES DE PAULA (1979).

Tabela 12 – Distribuição de freqüência de respostas quanto ao conhecimento da P **Dança do Pau de Fitas** pelos professores de Educação Física nas 03 categorias de instituição do Ensino Fundamental da cidade de Montes Claros MG

	Dança do Pau-de-Fitas		Total
	Não conhece	Conhece	
Escola Estadual	16 21.6%	35 47.3%	51 68.9%
Escola Municipal	2 2.7%	6 8.1%	8 10.8%
Escola Particular	4 5.4%	11 14.9%	15 20.3%
Total	22 29.7%	52 70.3%	74 100.0%

Quando questionados quanto ao conhecimento de outras danças folclóricas, Tabela 13, os professores das escolas estaduais e particulares demonstraram um percentual de falta de conhecimento maior que o do conhecimento das mesmas. Já os professores da rede municipal demonstraram que uma metade conhece e a outra não. Neste caso, o resultado do teste obtido foi significativo, $X^2(2,n=74)=8.864;p=0.012$.

As escolas da rede municipal, segundo relato dos professores entrevistados, contam com a participação do “Projeto Arte - viva da Rede Municipal” que trabalha com danças folclóricas na escola. Além do projeto, há escola que tem um especialista em danças.

Diante do grande número de danças folclóricas existentes no Brasil, é de se estranhar que a maior parte dos professores entrevistados não conheça outras. Seria falta de interesse? Seria falta de informação? É um caso a se pensar. Mesmo os professores que manifestaram conhecer outras danças, citaram poucas, inclusive danças que não são folclóricas.

MORAES (1974) refere que, embora reconhecida a importância do folclore, apenas alguns poucos abnegados a ele se dedicam, divulgando e trabalhando a seu favor. Isto, pode ser um motivo pelo qual a maioria dos professores a não conhecerem sobre o folclore, e conseqüentemente a sua importância para a melhoria do acervo cultural da nossa população.

Tabela 13 – Distribuição de freqüência de respostas quanto ao **conhecimento de outras danças folclóricas** pelos professores de Educação Física nas 03 categorias de instituição do Ensino Fundamental da cidade de Montes Claros MG

	Conhece outras danças		Total
	Não conhece	Conhece	
Escola Estadual	46 62.2%	5 6.8%	51 68.9%
Escola Municipal	4 5.4%	4 5.4%	8 10.8%
Escola Particular	13 17.6%	2 2.7%	15 20.3%
Total	63 85.1%	11 14.9%	74 100.0%

P<0,05

Um questionamento foi feito. Se os professores de Educação Física faziam uso de danças folclóricas (Calango, Quadrilha, Dança dos Catopês, Marujadas, Dança dos Caboclinhos, Dança das Pastorinhas, Folias de Reis, Dança de São Gonçalo, Catira, Maculelê, Cirandas, Dança do Pau-de-fitas ou outras) nas suas práticas pedagógicas, Tabela 14. Verificou-se que a maioria, nas três categorias de Ensino Fundamental, faz uso das mesmas. Sendo $X^2(2,n=74)=3.270;p=0.195$, o resultado do teste não foi significativo.

Esse resultado apresentado foi com relação ao uso das danças folclóricas de uma forma geral. Ao especificar qual dança é utilizada, o resultado mostra algumas variações, conforme será mostrado nas tabelas posteriores.

Tabela 14 – Percentual do número de professores de Educação Física, nas 03 categorias de instituição do Ensino Fundamental da cidade de Montes Claros MG, que **fazem uso das Danças Folclóricas**

	Faz uso das danças		Total
	Não faz	Faz	
Escola Estadual	13 17.6%	38 51.4%	51 68.9%
Escola Municipal		8 10.8%	8 10.8%
Escola Particular	5 6.8%	10 13.5%	15 20.3%
Total	18 24.3%	56 75.7%	74 100.0%

Em caso positivo, foi solicitado marcar as modalidades de danças folclóricas, as quais faziam parte da prática na escola. No caso específico da dança Calango, Tabela 15, o resultado foi unânime, não houve nenhuma ocorrência de uso da mesma.

O motivo pelo qual todos os professores não fazem uso da dança Calango pode estar relacionado ao não conhecimento sobre a mesma, como foi mostrado anteriormente na Tabela 01.

Tabela 15 – Percentual do número de professores de Educação Física, nas 03 categorias de instituição do Ensino Fundamental da cidade de Montes Claros MG, que fazem **uso da Dança Calango.**

	Calango		Total
	Não faz	Faz	
Escola Estadual	38 67,9%		38 67,9%
Escola Municipal	8 14,3%		8 14,3
Escola Particular	10 17,9%		10 17,9%
Total	56 100,0%		56 100,0%

Com relação ao uso da dança Quadrilha, Tabela 16, verificou-se uma ocorrência considerável quanto ao uso da mesma pelos professores nas três categorias de ensino, quase uma totalidade dos professores fazem uso. Com $X^2(2,n=56)=.482;p=0.786$, o resultado do teste não foi significativo.

Das danças folclóricas, pode-se afirmar que a Quadrilha é uma das mais praticadas em todo o Brasil. É comum as escolas promoverem todos os anos, a festa junina.

Portanto, sendo a dança típica das festas juninas, a responsabilidade de ensiná-la quase sempre é do professor de Educação Física.

Alguns professores relataram que nem mesmo a quadrilha é trabalhada por eles, pois suas práticas são voltadas para o esporte. Quando a escola organiza a festa junina, outro profissional é contratado para realizá-la.

Tabela 16 – Percentual do número de professores de Educação Física, nas 03 categorias de instituição do Ensino Fundamental da cidade de Montes Claros MG que fazem **uso da dança Quadrilha**.

	Dança Quadrilha		Total
	Não faz	Faz	
Escola Estadual	1 1,8%	37 66,1%	38 67,9%
Escola Municipal		8 14,3%	8 14,3%
Escola Particular		10 17,9%	10 17,9%
Total	1 1,8%	55 98,2%	56 100.0%

Resultado diferente foi encontrado na Tabela 17. A dança dos Catopés apresenta uma maior freqüência entre os professores de escolas municipais e particulares do que entre os professores estaduais, apresentando $X^2(2,n=56)=5.719;p=0.057$. Tendo portando, o resultado do teste significativo, $p<0,05$.

Como mostra a Tabela 17, o percentual do não uso é maior que o do uso. Porém, houve relatos, entre os profissionais das escolas municipais e particulares, da presença de outros profissionais na execução das danças folclóricas nas escolas. Os Catopés têm uma grande representatividade na cidade, e isso poderia estar, de certa forma, influenciando a manifestação da dança dos mesmos em algumas escolas.

Tabela 17 – Percentual do número de professores de Educação Física, nas 03 categorias de instituição do Ensino Fundamental da cidade de Montes Claros MG, que fazem **uso da Dança dos Catopés.**

	Dança dos Catopês		Total
	Não faz	Faz	
Escola Estadual	32 57,1%	6 10,7%	38 67,9%
Escola Municipal	5 8,9%	3 5,4%	8 14,3%
Escola Particular	5 8,9%	5 8,9%	10 17,9%
Total	42 75,0%	14 25,0%	56 100.0%

P<0,05

Analisando a Tabela 18, com $X^2(2,n=56)=14.510;p=0.001$ e a Tabela 19 com $X^2(2,n=56)=8.794;p=0.012$, as quais representam o número de professores que fazem uso das danças dos Marujos e dos caboclinhos respectivamente, verifica-se que os professores, da rede estadual e municipal, praticamente não fazem uso destas danças, por outro lado, há um percentual considerável na rede particular que faz. Nesses dois casos, os resultados dos testes foram significativos.

Por um lado, os Marujos estão relacionados às conquistas marítimas dos portugueses e os Caboclinhos com os índios catequisados pelos jesuítas, como cita CÔRTES (2000). Porém, ambos não têm uma ligação direta com a religiosidade, o que de certa forma, poderia estar influenciando a manifestação de uso dessas. E por outro lado, nas escolas particulares, conforme relatos de alguns professores, existem profissionais contratados para lidar com essas manifestações culturais.

Tabela 18 – Percentual do número de professores de Educação Física, nas 03 categorias de instituição do Ensino Fundamental da cidade de Montes Claros MG, que fazem **uso da Dança dos Marujos.**

	Dança dos Marujos		Total
	Não faz	Faz	
Escola Estadual	37 66,1%	1 1,8%	38 67,9%
Escola Municipal	8 14,3%		8 14,3%
Escola Particular	6 10,7%	4 7,1%	10 17,9%
Total	51 91,1%	5 8,9%	56 100.0%

P<0,05

Quanto ao uso da dança dos Caboclinhos, Tabela 19, pode-se verificar novamente que, entre os professores da rede particular aparece uma maior ocorrência no uso desta. Com $X^2(2,n=56)=8.794;p=0.012$, o resultado do teste foi significativo.

Tabela 19 – Percentual do número de professores de Educação Física, nas 03 categorias de instituição do Ensino Fundamental da cidade de Montes Claros MG, que fazem **uso da Dança dos Caboclinhos.**

	Dança dos Caboclinhos		Total
	Não faz	Faz	
Escola Estadual	35 62,5%	3 5.4%	38 67.9%
Escola Municipal	8 14,3%		8 14,3%
Escola Particular	6 10,7%	4 7,1%	10 17,9%
Total	49 87,5%	7 12,5%	56 100.0%

P<0,05

O uso da dança das Pastorinhas também não apresenta uma ocorrência considerável entre os professores da rede estadual, tabela 20. Porém, 50% dos professores das redes municipal e particular envolvido no estudo, fazem uso nas suas práticas. Neste caso também, o resultado do teste foi significativo, $X^2(2,n=56)=15.487;p=0.00$.

A dança das Pastorinhas, tradicionalmente manifestam-se no período do Natal, como relata COLARES & SILVEIRA (1999). Nesse período as escolas estão em férias, talvez por isso não os professores não se interessem em usá-las.

Quanto ao uso com maior freqüência nas escolas municipais e particulares já foi abordado anteriormente.

Tabela 20 – Percentual do número de professores de Educação Física, nas 03 categorias de instituição do Ensino Fundamental da cidade de Montes Claros MG, que fazem **uso da Dança das Pastorinhas**

	Dança das Pastorinhas		Total
	Não faz	Faz	
Escola Estadual	36 64,3%	2 3,6%	38 67.9%
Escola Municipal	4 7,1%	4 7,1%	8 14,3%
Escola Particular	5 8,9%	5 8,9%	10 17,9%
Total	45 80,4%	11 19,6%	56 100.0%

P<0,05

Outro resultado com significância foi encontrado na Tabela 21, que busca analisar o uso da dança das Folias de Reis pelos professores de Educação Física nas três categorias de Instituição de Ensino Fundamental, $X^2(2,n=56)=11.106;p=0.004$. Mais uma vez a ocorrência é manifestada na rede particular.

Também nesse caso, o que pode ter contribuído para o uso da dança das Folias de Reis é o fato de ter uma pessoa especialista destinada a esse fim.

Tabela 21 – Percentual do número de professores de Educação Física, nas 03 categorias de instituição do Ensino Fundamental da cidade de Montes Claros MG, que fazem **uso da Dança da Folia de Reis**

	Folia de Reis		Total
	Não faz	Faz	
Escola Estadual	36 64,3%	2 3,6%	38 67.9%
Escola Municipal	8 14,3		8 14,3%
Escola Particular	6 10,7%	4 7,1%	10 17,9%
Total	50 89.3%	6 10.7%	56 100.0%

P<0,05

A análise do uso da dança de São Gonçalo, Tabela 22, verificou-se que o resultado do teste não foi significativo, $X^2(2,n=56)=3.537;p=0.171$. Nas três categorias, o percentual do não uso é muito superior ao outro.

Tabela 22 – Percentual do número de professores de Educação Física, nas 03 categorias de instituição do Ensino Fundamental da cidade de Montes Claros MG, que fazem **uso da Dança de São Gonçalo**.

	Dança de São Gonçalo		Total
	Não faz	Faz	
Escola Estadual	35 62,5%	3 5.4%	38 67.9%
Escola Municipal	7 12,5%	1 1,8	8 14,3%
Escola Particular	7 12,5%	3 5,4%	10 17,9%
Total	49 87,5%	7 12,5 %	56 100.0%

No caso da dança Catira, Tabela 23, o resultado obtido não foi significativo. Nenhum professor, nas três categorias de Instituição, faz uso da mesma.

Muitos professores alegaram não ter domínio sobre danças folclóricas ou até mesmo não ter afinidade com o assunto.

Tabela 23 – Percentual do número de professores de Educação Física nas 03 categorias de instituição do Ensino Fundamental da cidade de Montes Claros MG, que fazem **uso da Dança Catira**

	Catira		Total
	Não faz	Faz	
Escola Estadual	38 67,9%		38 67,9%
Escola Municipal	8 14,3%		8 14,3%
Escola Particular	10 17,9%		10 17,9%
Total	56 100,0%		56 100.0%

O uso da dança Maculelê pelos professores de Educação Física nas três categorias de Instituição de Ensino Fundamental, Tabela 24, é mínimo. Apenas 10% fazem uso. Com $X^2(2,n=56)=1.244;p=0.537$, o resultado do teste não apresentou significância.

Tabela 24 – Percentual do número de professores de Educação Física nas 03 categorias de instituição do Ensino Fundamental da cidade de Montes Claros MG, que fazem **uso da Dança Maculelê**

	Maculelê		Total
	Não faz	Faz	
Escola Estadual	35 62,5%	3 5.4%	38 67.9%
Escola Municipal	7 12,5%	1 1.8%	8 14,3%
Escola Particular	8 14,3%	2 3,6%	10 17,9%
Total	50 89.3%	6 10.7%	56 100.0%

O resultado obtido na avaliação do uso das Cirandas, Tabela 25, não foi signifgicativo, $X^2(2,n=56)=3.347;p=0.188$, apesar do uso dessa dança ser mais freqüente entre os professores da rede municipal e particular.

Como cita CASCUDO (2000), é uma dança de roda muito comum em todo o Brasil.

As músicas e os passos são simples e de fácil execução. Mas nem por isso deixa de proporcionar alegria aos participantes.

Tabela 25 – Percentual do número de professores de Educação Física, nas 03 categorias de instituição do Ensino Fundamental da cidade de Montes Claros MG, que fazem **uso da Dança Ciranda**.

	Cirandas		Total
	Não faz	Faz	
Escola Estadual	22 39,3%	16 28,6%	38 67.9%
Escola Municipal	2 3,6%	6 10.7%	8 14,3%
Escola Particular	4 7,1%	6 10,7%	10 17,9%
Total	28 50.0%	28 50,0%	56 100,0%

A dança do Pau-de-fitas apresenta um maior percentual de ocorrência entre os professores da rede particular, Tabela 26. Já entre os professores das redes estadual e municipal, ao percentual é bem pequeno. Neste caso, $X^2(2,n=56)=8.077;p=0.018$, o resultado do teste foi significativo.

Enquadra-se aqui, novamente, uma preocupação que a escola particular parece ter com as danças folclóricas, sobressaindo entre as estaduais e municipais. Alguns professores da rede particular, que

responderam ao questionário, relataram que a escola tem em seu quadro de profissionais uma pessoa responsável para trabalhar com essas manifestações especificamente.

Tabela 26 – Percentual do número de professores de Educação Física, nas 03 categorias de instituição do Ensino Fundamental da cidade de Montes Claros MG, que fazem **uso da Dança Pau-de-Fitas**

	Pau-de-fitas		Total
	Não faz	Faz	
Escola Estadual	31 55,4%	7 12,5%	38 67.9%
Escola Municipal	7 12,5%	1 1.8%	8 14,3%
Escola Particular	4 7,1%	6 10.7%	10 17,9%
Total	42 75,0%	14 25,0%	56 100.0%

P<0,05

Foi feito um questionamento aos professores, se os mesmos faziam uso, em suas práticas, de outras danças além das que foram apresentadas, Tabela 27. O resultado não apresentou significância, $X^2(2,n=56)=5.135;p=0.077$. Foi uma minoria de professores que se manifestou fazer uso de outras danças folclóricas.

Esse fato assemelha a uma questão anterior, quanto ao conhecimento de outras danças. O não uso de outras danças folclóricas pode estar diretamente relacionado ao não conhecimento dessas manifestações.

Tabela 27 – Percentual do número de professores de Educação Física, nas 03 categorias de instituição do Ensino Fundamental da cidade de Montes Claros MG, que **fazem uso de outras Danças Folclóricas.**

	Outras Danças		Total
	Não faz	Faz	
Escola Estadual	37 66,1%	1 1,8%	38 67.9%
Escola Municipal	6 10,7%	2 3,6%	8 14,3%
Escola Particular	9 16,1%	1 1,8%	10 17,9%
Total	52 92,9%	4 7,1%	56 100.0%

E por último, foi questionado se as danças folclóricas, quando presentes na escola, eram orientadas por outro profissional, Tabela 28. O resultado não apresentou significância, $X^2(2,n=74)=0.799;p=0.671$. Mostrando que em boa parte das escolas, as danças folclóricas não são orientadas pelo professor de Educação Física.

Nesse sentido, NANNI (1995; p.134) coloca que *"o homem é uma soma de energias físicas, emocionais, intelectuais e espirituais que deve desenvolver-se e aprimorar-se através do processo educativo em todos os seus atributos e valores. A dança faz parte deste processo".*

Além da ginástica, dos jogos e dos esportes, a dança também é mais um conteúdo da educação que poderá cumprir com um papel verdadeiramente educativo. Ela exprime a alma do povo, as características de sua formação étnica, seus hábitos, a tradição de seus costumes, um ritmo próprio expresso no compasso de suas músicas.

Tabela 28 – Respostas, em percentagem, quanto ao uso das **Danças Folclóricas orientadas por outros profissionais** nas 03 categorias de instituição do Ensino Fundamental da cidade de Montes Claros MG.

	Orientação de outros profissionais		Total
	Não	Sim	
Escola Estadual	30 40,5%	21 28,4%	51 68,9%
Escola Municipal	4 5,4%	4 5,4%	8 10,8%
Escola Particular	7 9,5%	8 10,8%	15 20,3%
Total	41 55,4%	33 44,6%	74 100.0%

Uma abordagem importante é feita por DINIZ (1997) quando cita que a idéia não é (re) produzir a dança folclórica, mas criar possibilidades corporais expressivas para os alunos, no sentido de apreensão de várias habilidades como, contato com formas e símbolos próprios das culturas a que pertencem, ampliando essas experiências.

As danças folclóricas, trabalhadas no campo da Educação Física Escolar, têm muitas contribuições para o desenvolvimento geral do aluno. No caso específico de Montes Claros, parece que os profissionais da área, não demonstram tal preocupação. Um número considerável de professores de Educação Física está cedendo lugar para profissionais de outras áreas, como foi apresentado na pesquisa.

Nesta mesma linha de pensamento VERDERI (1999) complementa ao dizer que para fazermos uso das manifestações folclóricas em nossas aulas de Educação Física, não precisamos ser pesquisadores e nem profissionais do folclore, basta que tenhamos um mínimo de conhecimento de nossa vivência folclórica brasileira para podermos estar, com competência, melhor informando nossos alunos.

Embora temos conhecimento que outra disciplina escolar faça abordagens no folclore, nada nos impede que, em nossas aulas de Educação Física Escolar, possamos também ser beneficiados com a gama de manifestações folclóricas existentes em nosso país.

Aqui pulsam o frevo, o samba, a chula, maracatu, maculelê, a catira, o xaxado. Somos um país conhecido mundialmente pela música e pela dança. Não podemos deixar de lado toda essa riqueza. É de admirar que a Educação Física, ciência que lida diretamente com o corpo e ao movimento, promova apenas prática de técnicas de ginástica, do jogo e do esporte, utilizando-se das manifestações folclóricas apenas nas Festas Juninas e na Semana do Folclore (VERDERI, 1999).

6 CONCLUSÃO

A diversidade cultural que caracteriza o país tem na dança uma de suas expressões mais significativas. Por onde é que se olhe, pulsam o bumba-meu-boi, o maracatu, a catira, a quadrilha, o maculelê, as cirandas, entre muitas outras manifestações.

A preservação e utilização da cultura popular como conteúdo escolar é primordial não só para o desenvolvimento geral do aluno como para o aprimoramento da cidadania e da identidade cultural. Como foi citado por DIDONET (1983) a verdadeira educação é aquela que se faz na cultura. Não podemos deixar de lado toda essa riqueza de manifestações. Em um país rico em ritmos e danças, parece paradoxal que a Educação Física Escolar fique centrado em esportes e ginástica.

Ao término do estudo, algumas conclusões foram obtidas, tanto na revisão de literatura, como na análise dos dados coletados. O que se observa é que, na prática, existe uma variedade muito grande de manifestações folclóricas em Montes Claros, especificamente as danças, porém muito pouco catalogado. Na literatura em geral, em termos de descrição dessas, também não se tem muita coisa. E por outro lado, o que é lamentável, é a pouca utilização de tais manifestações no campo da Educação Física Escolar na cidade. Mesmo estando amparado por leis educacionais, o uso que se faz é muito pequeno e o conhecimento das mesmas é bastante limitado.

No entanto, surgiram alguns questionamentos e inquietações que futuramente poderão ser retomados, originando novos estudos, novas conclusões, como por exemplo: Qual o motivo que leva os professores de Educação Física Escolar a não utilizarem as danças folclóricas em suas práticas? Como são utilizadas algumas danças

folclóricas no contexto da Educação Física Escolar? Qual a contribuição da Educação Física Escolar na divulgação e preservação da cultura popular? Por que a incidência maior do uso das Danças Folclóricas pelos professores de Educação Física das instituições particulares?

Espera-se que este estudo possa contribuir de alguma forma com outros estudos ou até mesmo ser um ponto de partida para outros pesquisadores.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADIB, Pedro Rodolfo Jungers. Educação Física e Identidade Cultural. Revista Mineira da Educação Física. Viçosa, 2(1):57-61, 1994.

ALMEIDA, Renato & RIBEIRO, Maria de Lourdes B. Curso de Folclore. Viçosa MG: Imprensa Universitária UFV, 1976.

ALMEIDA, Renato. Manual de Coleta Folclórica. Rio de Janeiro : Olímpia, 1965.

AMARAL, Rita. Festa à Brasileira: sentidos do festejar no país que "não é sério". Tese de Doutoramento defendida junto ao Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.1998/ disponível em publicação eletrônica na Internet via www.aguaforte.com/antropologia/festabrsileira/As Festas Juninas.html. Acessado em 06/06/01

ARANTES, Antônio Augusto. O Que é Cultura Popular. São Paulo : Brasiliense, 1990. Coleção Primeiros Passos.

BORSARI, José Roberto. Educação Física da pré-escola à universidade. São Paulo-SP : Editora EPU, 1987.

BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais / 1º e 2º Ciclos do Ensino Fundamental – Educação Física. Brasília : MEC, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física/Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Lei n°9.394. Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Brasília, 1996.

BRITO, Vera Lúcia Alves. LDB, PCN's e rumos inclusivos da Educação Física. Revista Presença Pedagógica. V.5,n.30,p.17-23,1999.

CAMARGO, Odalgil Nogueira de. Informativo Tradicionalista. Passo Fundo : Berthier, 1997.

CAMINADA, E. História da Dança: evolução cultural. Rio de Janeiro : Sprint,1999.

CASCUDO, Luis da Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. 2ª ed. Rio de Janeiro : MECANL, 1992.

CASCUDO, Luis da Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. 9ª ed. São Paulo : Global, 2000.

CASCUDO, Luis da Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. Rio de Janeiro : Instituto Nacional do Livro, 1962. p. 349.

CASCUDO, Luís da Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. 9.ed. São Paulo : Global, 2000.

CASTELLANI FILHO, L.. Educação Física – projeto de diretrizes gerais para o ensino do 2 º grau. Núcleo Comum, MEC, 1988.

COLARES, Zezé & SILVEIRA, Ivonne. Folclore Para Crianças. Montes Claros : Unimontes, 1999.

CÔRTES, Gustavo Pereira. Dança Brasil!: Festas e danças populares. Belo Horizonte: Leitura, 2000.

DIDONET, Vital. Infância e Cultura. Revista Educação. Brasília-DF. Abril/Junho, 1983.

DINIZ, I.C.V. Coimbra.A Motivação Humana e o Gesto Técnico no Contexto da Dança. Tese (Mestrado em Educação Física) Faculdade de Educação Física, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, 1998.

DINIZ, I.C.V.Coimbra. Dança e Técnica Corporal: Significado de Uma Linguagem. Belo Horizonte : EEF – UMG, 1997.

FARO, Antônio José. Pequena História da Dança. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 1986.

FERNANDES, Florestan. Folclore e Mudança Social na Cidade de São Paulo. São Paulo: Anhambi, 1961.

FREIRE, J.B. Educação de Corpo Inteiro. São Paulo: Scippione, 1989.

GIFFONI, Maria Amália Corrêa. Danças tradicionais das Américas. São Paulo, Edições Melhoramentos, 1960.

GIFFONI, Maria Amália Corrêa. Danças Folclóricas Brasileiras e suas Aplicações Educativas. Companhia Melhoramentos, 1973.

GUIA TURÍSTICO DE MONTES CLAROS – Cidade da Arte e da Cultura. Realização VEREDAS – Consultoria em Turismo, Hotelaria e Projetos. Prefeitura Municipal de Montes Claros. Montes Claros-MG, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA – IBECC. Comissão Nacional de Folclore – Salvador- Bahia, 1995.

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS APLICADAS – IGA. Atlas de Festas Populares do Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte : IGA/FAPEMIG, 1998. 102p.

INTERNET - http:/www.brasilfolclore.hpg.ig.com.br/capoeira.htm

LARAIA, Roque de Barros. Cultura: Um Conceito Antropológico. 13ª ed. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 2000.

LIMA, Maristela Moura Silva. A Dança na Educação. Revista Mineira da Educação Física. Viçosa, 1(2):57,15-19, 1993.

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO. Guia da Guarnição. Ex-4ª DE – 4º B. de Infantaria. 55º Batalhão de Infantaria. Belo Horizonte : Papelaria e Gráfica, 1982.

MORAES, Wilson Rodrigues. Folclore Básico: Orientação Para Trabalhos Escolares. São Paulo : Esporte Educação, 1974.

NANNI, Dionísia. Dança-Educação: Pré-escola à Universidade. Rio de Janeiro : Sprint, 1995.

OHTAKE, Ricardo(Coord.). Danças Folclóricas Brasileiras. Projeto Cultural RHODIA, 1989.

PAULA, Hermes Augusto de. Montes Claros: sua história, sua gente e seus costumes. Montes Claros, 1979. v.1, 2 e 3.

PINTO, Joelcio Fernandes & SILVEIRA, Guilherme Carvalho Franco da. Educação Física na Perspectiva da Cultura Corporal: Uma Proposta Pedagógica. Revista Brasileira Ciência do Esporte, v. 22, n° 3 , p.137-150 , maio de 2001.

RIBEIRO, Maria de Lourdes. O Folclore na Escola. In: Cadernos de Folclore nº 05. Ministério da Educação e Cultura, Departamento de Assuntos Culturais, Fundação Nacional de Arte. Rio de Janeiro, 1976.

ROCHA, Tião. Roteiro de Pesquisa. Belo Horizonte – MG : Edição CPCD CMFL, 1996.

SABA, Fábio. Aderência à Prática do Exercício Físico em Academias. São Paulo : Manole, 2001.

SANTOS, Ilka d´Almeida & GARCIA, Rox Marie Reis. Pesquisa Folclórica. Londrina – PR : Universidade de Londrina, 1992.

SCHARNISK, Gilberto. Laboratório de Folclore nº 1. Paraná : Cine Um Áudio e Vídeo Produções LTDA, 1995.

SILVA, Maurício Roberto da. Resgate da Cultura Popular na Educação : uma perspectiva educacional libertadora no contexto da educação física escolar. Revista Artus. Rio de Janeiro, nº 20, dezembro, 1987.

SOUTO, Maria Generosa Ferreira. A Questão Folclórica à Luz da Escola. Montes Claros-MG : Giordani, 1999.

TANI, G.; MANOEL, E.J.;KOKUBUN, E. & PROENÇA, J.E. Educação Física Escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista. São Paulo: EPU/EDUSP, 1988.

VERDERI, Érica & PIMENTEL, Beatriz Lemes. Encantando a Educação Física. Rio de Janeiro-RJ : Sprint, 1999.

ANEXOS

ANEXO I

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS – *UNIMONTES*
CENTRO DE CIENCIAS BIOLÓGICAS E DA SAUDE – *CCBS*
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DO DESPORTO.

Pesquisa – Mestrado em Educação Física
Universidade Católica de Brasília – UCB
Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES

1 - Quais as danças folclóricas, listadas abaixo, que você conhece ?
( ) Calango
( ) Quadrilha
( ) Dança dos Catopês
( ) Marujadas
( ) Dança dos Caboclinhos
( ) Dança das Pastorinhas
( ) Folias de Reis
( ) Dança de São Gonçalo
( ) Catira ou cateretê
( ) Maculelê
( ) Cirandas
( ) Dança do pau-de-fitas
( ) Outras.....

2- Você faz uso dessas danças folclóricas, citadas acima, em suas aulas de Educação Física Escolar ?
( ) Sim
( ) Não

Em caso positivo, marque-as:
( ) Calango
( ) Quadrilha
( ) Dança dos Catopês
( ) Marujadas
( ) Dança dos Caboclinhos
( ) Dança das Pastorinhas
( ) Folias de Reis
( ) Dança de São Gonçalo
( ) Catira ou cateretê
( ) Maculelê
( ) Cirandas
( ) Dança do pau-de-fitas
( ) Ourtas.....

Em caso negativo, justifique:.....
.....
.....

---

3 – Essas danças, quando presentes em sua escola são orientadas por outro profissional ?

( ) Sim
- **Por qual profissional?**
.....
.....

( ) Não

ANEXO II

Carta de Esclarecimento

Caro Professor,

O presente questionário trata-se de uma pesquisa de mestrado que está sendo realizada com os professores de Educação Física das escolas de Ensino Fundamental nas redes: municipal, estadual e particular da cidade de Montes Claros – MG. Não é necessária a identificação e suas informações serão mantidas em sigilo bem como o nome da sua instituição.

Desde já, agradeço a sua colaboração.

José Roberto Lopes de Sales
Mestrando em Educação Física

Universidade Estadual de Montes Claros – *UNIMONTES*
Universidade Católica de Brasília – *U.C.B.*

ABSTRACT

The purpose of this study is to check, identify and analize the folklore dance educational usage in Physical Education at school. Public and private schools from the urban area in Montes Claros City were selected for it. Seventy-four professionals participate in this project, which means 50% of the teaching staff in Physical Education, filling out a questionnaire. In the data analysis the test “Qui-quadrado” was used to determine the difference in the answers according to the school they belong. The results showed that the most teachers have less knowledge on the folkloric dances and do not use the same ones as an educational practice looking for a general formation of the students.